



ESTeSC

Escola Superior de Tecnologia
da Saúde de Coimbra

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Mestrado em Educação para a Saúde

Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos

Susete de Góis Ornelas

2014

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais que me deram a vida e são as pessoas que mais amo, em especial à minha mãe que depois de eu ter ido para a faculdade, se esforçou e me ajudou muito tornando possível tudo isto.

Dedico-o também, de forma especial, ao meu namorado que tanto me apoiou nos momentos em que mais precisei.

A minha afilhada, a melhor amiga da infância, agradeço-lhe muito e é a pessoa que mais amo também.

Agradecimentos

Os meus mais sinceros agradecimentos, as orientadoras deste projeto, a Doutora Professora Maria Albuquerque e a Doutora Professora Isabel Correia por todo seu apoio, estímulo, disponibilidade e conhecimento transmitido, indispensáveis à concretização deste trabalho.

Agradeço também a interprete Vânia Ferreira, pela ajuda fundamental nas traduções deste trabalho e pela companhia.

Um agradecimento muito especial à minha mãe e afilhada pelo apoio, carinho, amor e pelo sacrifício que fizeram ao longo destes anos, para que pudesse chegar até aqui.

Agradeço ao meu namorado, que esteve sempre pronto a ajudar-me, pelo amor, dedicação e atenção que tem demonstrado ao longo dos meus estudos.

Também agradeço a Maria Atanásio pelo apoio que me deu e por ter estado sempre apta a ajudar-me quando precisei.

A todos os amigos, pelo companheirismo, apoio e carinho demonstrado nestes anos.

*“Os outros ouvem, eu não. Mas eu tenho olhos, que
forçosamente observam melhor do que os deles,
e eu tenho as minhas mãos que falam”.
(Laborit, 1997)*

Índice

Índice	1
Listas de Figuras	3
Listas de tabelas.....	3
Abreviatura.....	4
Resumo.....	5
1 Introdução.....	7
2 Enquadramento teórico	9
2.1 <i>A LGP e a Resiliência</i>	9
2.2 <i>Perspetiva da comunicação entre Surdos e Ouvintes</i>	14
2.3 <i>Aprendizagem da língua gestual como segunda língua</i>	15
2.4 <i>Avaliação de cada uma das três dimensões em resiliência.....</i>	20
3 Método.....	22
3.1 <i>Amostra</i>	22
3.1.1 <i>Construção da Amostra 1 e 2</i>	22
3.1.2 <i>Caraterísticas Gerais da Amostra 2.....</i>	22
3.2 <i>Instrumento</i>	23
3.3 <i>Procedimentos.....</i>	23
3.3.1 <i>Procedimentos estatísticos</i>	24
4 Projeto de Intervenção/Resultados	25
4.1 <i>Sessões LGP.....</i>	25
4.1.1 <i>Manual</i>	25
5 Discussão	26
5.1 <i>IWE.....</i>	26
6 Conclusão: propostas e trabalhos de futuro	26
7 Referências bibliográficas.....	28
8 Anexos	31

Listas de Figuras

Fig.1: Construção do Humano.....	11
Fig.2: Aproximação B5 e de Block relativa aos 3 tipos de funcionalidade humana replicáveis.....	13
Fig.3: Nível de egoresiliência e egocontrolo nos 3 tipos de funcionalidade humana, culturalmente diferenciada: Resiliente, Hiper e Hipocontrolado	13

Listas de tabelas

Tabela 1 – Adaptação do QECRL para a LGP pela APS	16
Quadro 1 – Caraterização dos alunos envolvidos no projeto (n=19)	22

Abreviatura

LGP – Língua Gestual Portuguesa

Q1 – Questionário primeiro

Q2 – Questionário segundo

Q3 – Questionário terceiro

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

IWE – International Week of ESEC

FFM – Five Factor Model

ASL – American Sign Language

L2 – Segunda Língua

L3 – Terceira Língua

L4 – Quarta Língua

QECRL – Quadro Europeu Comum de referência para as Línguas

LSF – Langue des Signes Française

APS – Associação Portuguesa de Surdos

ASE – Animação Socioeducativa

GS – Gerontologia Social

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

LP – Língua Portuguesa

Resumo

Uma pessoa surda, no seu dia-a-dia encontra dificuldades na comunicação com os ouvintes, uma vez que a sua língua é diferente.

A comunidade ouvinte usa a língua oral enquanto a comunidade surda usa uma língua de natureza visuoespacial para comunicar; a língua gestual é a base da comunicação direta entre pessoas surdas.

O objetivo deste nosso trabalho foi compreender como a aprendizagem de Língua Gestual portuguesa pode permitir o desenvolvimento de competências comunicacionais e servir como um mecanismo potenciador de interações mais enriquecedoras no convívio entre ouvintes e surdos. Para isso, houve uma experiência de uma pequena formação básica em LGP, e deu-se a conhecer alguma interação das duas comunidades, em sala de aula e no quotidiano.

Para suportarmos o nosso projeto, abordámos o resumo de uma investigação (S. Rogers, 2010) entre as duas comunidades e a resiliência da surda bem como a relação do modelo do FFM com a resiliência (Caspi *et al*, 2010), para a descrição da comunicação através também do compromisso social do humano.

Obteve-se alguns testemunhos e análises da comunicação com as suas vantagens e desvantagens.

Palavras-chave: Comunicação, Comunidade Ouvinte, Comunidade Surda, LGP, Resiliência

Abstract

A deaf person finds in his everyday life many difficulties trying to communicate with hearing people since their language is not the same.

The hearing community uses oral language while deaf community uses a visuospatial language to communicate with each other; sign language is the base in the communication between deaf people.

The main goal in our work was to comprehend how the learning of sign language could improve the communication skills between the two communities, and how that leaning make could the two communities more interactive. To observe that, there was a

small experience in which we taught basic Portuguese sign language to hearing people so that we could understand the improvement in the communication between the two communities.

To Support our work we studied an abstract of and investigation (S. Rogers, 2010) between the two communities and the resilience of the deaf community and also the relation of the FFM model and the resilience (Caspi et al, 2010) for the description of communication also through the human social commitment.

We obtained some testimonies and analysis of communication with their advantages and disadvantages.

Keywords: Communication, Hearing Communities, Deaf Communities, Portuguese Sign Language, Resilience.

1 Introdução

Hoje em dia muitas pessoas não sabem o significado de Língua Gestual Portuguesa (LGP) nem tão pouco para que serve.

Quantas são as pessoas que fazem confusão entre Linguagem gestual e Língua gestual? Quantos são os que conseguem comunicar com uma pessoa Surda? Quantos sabem da existência de uma língua própria para comunicar com surdos ou para surdos? Quantas pessoas sabem o benefício e a importância de comunicar em LGP? É importante comunicar com todos? É fácil comunicar de tal maneira que todos nos entendam? Será bom comunicar sem barreiras? Será melhor comunicar com barreiras? Quantas são as pessoas que confundem Resiliência com Resistência? Quantos sabem o que significa “Resiliência”?

Estas questões que se colocam estão na base da compreensão da LGP. É necessário colocarem-se noutra perspetiva visto que, nos dias de hoje, muitos não entendem LGP, não querem aprender nem, tão pouco, veem benefício na sua aprendizagem. Penso que é indispensável a comunicação entre as pessoas, sejam elas surdas, ouvintes, pessoas de outras línguas ou de outros países. O relacionamento está na base da construção humana (Miranda Santos, 2004). É importante, por exemplo, na compreensão e no entendimento entre indivíduos.

Para o projeto, na área das experiências sociais, e para verificar quais os recursos comportamentais internos e externos que possam ajudar a explicar a otimização das experiências sociais, utilizou três surdos, ex-alunos dos universitários. Tentou compreender o seu comportamento e sucesso no trabalho, na sociedade e na vida adulta.

A resiliência pode situar-se dentro da ciência da psicologia positiva porque realça a importância de se desenvolverem forças humanas para promover a adaptação ideal, nomeadamente, de “ilhas de competência”.

A literatura sobre resiliência aponta vários pontos fortes que ajudam e apoiam os intervenientes contra riscos, promovendo a sua adaptação bem-sucedida face à adversidade.

Como disse anteriormente, há muitos que não sabem o seu significado, qual a sua utilidade ou benefício. Muitas vezes são confundidas duas palavras semelhantes com significado diferente. Resiliente significa resistente? Uma pessoa resistente é aquela que “segura as pontas”, resistindo a situações de pressão; uma pessoa resiliente aprende com as

dificuldades e com desafios, usando a sua flexibilidade e criatividade para se adaptar e encontrar soluções alternativas (Albuquerque, 2005; 2012).

Susan Rogers (2013), fez um projeto onde avaliou a quantidade e qualidade dos recursos disponíveis dos surdos e dos ouvintes. Pretendeu estudar ver a possibilidade de adaptação a altos níveis de incerteza e de isolamento social de cada um, para poder desenvolver um trabalho de forma otimizada, gratificante e que promovesse o desenvolvimento de experiências sociais.

A comunicação em LGP procura facilitar o entendimento entre surdos e ouvintes que se encontram na nossa sociedade atual. Pretende estabelecer laços entre pessoas diferentes, desenvolver competências pessoais e interpessoais, incentive e facilite a comunicação entre pessoas que vivem em comunidade, sobretudo quando se encontram envolvidas por alguns laços de amizade. Em suma: pretende promover um relacionamento e entendimento que até então não era possível. Em termos gerais, podemos dizer que a LGP permite um relacionamento mais eficaz entre as pessoas, mesmo que estas se apresentem mais vulneráveis e tímidas na comunicação, permitindo uma interação eficaz, uma comunicação saudável e uma aprendizagem segura, para quem a pratica e necessita. Pode-se dizer que a aprendizagem da LGP permite, a quem a utiliza, superar muitas dificuldades, isto é, aumenta a sua “Resiliência”.

O trabalho deste projeto tem como finalidade principal aumentar a facilidade de comunicação entre ouvintes e surdos. Para tal procurou-se fazer um levantamento, através de inquérito, sobre o modo como é feita essa comunicação, bem como indagar a opinião sobre a promoção da sua otimização.

Com a finalidade de saber a opinião de alguns alunos sobre estes assuntos, foi feito um inquérito a um público-alvo, composto por alunos do primeiro ano de dois cursos diferentes, constituído por alunos surdos e ouvintes de uma Instituição do Ensino Superior. As questões principais referem-se ao conhecimento da LGP e da resiliência. Com este inquérito pretende-se saber o grau de conhecimento dos alunos, o grau de conhecimento adquirido após as aulas dadas, e, se for necessário, aumentar e analisar a informação e o conhecimento sobre a LGP e a resiliência individual e a dos grupos.

Nesse inquérito, houve bastantes alunos que se mostraram muito receptivos e com gosto para a aprendizagem em LGP.

A concretização deste projeto, efetivou-se com alunos voluntários que receberam formação em LGP por um período de 25 horas.

Proporcionou-se uma interação entre os grupos (ouvintes e surdos) com atividade dinamizada pela proponente deste projeto. A avaliação e quantificação do projeto, decorreu durante e após a sua intervenção. Foram avaliadas as competências individuais, as do grupo da aprendizagem da LGP e a resiliência demonstrada pelos discentes.

Na avaliação final procurou-se analisar uma variação na resiliência individual, a competência na comunicação em LGP, a alteração do relacionamento e da comunicação entre surdos e ouvintes.

2 Enquadramento teórico

2.1 A LGP e a Resiliência

Muitas pessoas utilizam o termo Linguagem Gestual em substituição de Língua Gestual pensando que estão a falar da mesma coisa. Normalmente esse termo é utilizado por pessoas que não conhecem a Língua Gestual nem o seu significado.

Em 1960, William Stokoe, linguista americano, professor de surdos na Universidade de Gallaudet, nos Estados Unidos, foi pioneiro em defender o estatuto da língua gestual americana (ASL). Defendeu-a como língua e nunca mais foi considerada como uma forma de linguagem.

No que respeita ao trabalho de Stokoe, veja-se o que afirmam Mineiro e outros:

Os trabalhos pioneiros de William Stokoe [...] sustentaram a evidência de que os surdos possuem a sua própria língua, que adquirem de forma natural sempre que expostos a um ambiente linguístico que lhes permita a sua aquisição e desenvolvimento plenos. A LGP é uma língua natural e apresenta uma complexidade estrutural equivalente à das línguas orais, sendo possível distinguir elementos descritivos da mão, tais como a configuração, o local de articulação, o movimento, a orientação e ainda os componentes não-manuais. (Mineiro *et alii*, 2008:1)

A Língua Gestual Portuguesa é a língua natural da comunidade surda e, quando adquirida precocemente, está na base de todas as aprendizagens realizadas pelos alunos surdos (Amaral, Coutinho & Martins 1994).

[...] língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários. (Quadros & Karnopp, 2004, p.30)

A LGP, língua utilizada pela comunidade surda, está reconhecida na Constituição da República Portuguesa. Foi em 1997 que foi transformada em lei (Lei Constitucional nº. 1/97, artigo 74, nº. 2, alínea h) onde se refere que “o Estado deve proteger e valorizar a LGP como expressão cultural e instrumento de acesso à educação e à igualdade de direitos das pessoas surdas”. A LGP é constituída, como qualquer outra língua, por um sistema regido de regras com aspetos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos (Amaral, Coutinho & Martins, 1994).

A LGP é uma língua constituída por gestos, expressões faciais e corporais, em que os utilizadores têm por finalidade fazerem-se compreender e serem compreendidos. Esta língua é utilizada não só pelos surdos mas também por ouvintes. Todas essas expressões são observadas e utilizadas pelas pessoas que comunicam em LGP.

É, como diz Isabel Correia, (2013, p.48): “Uma pessoa que não saiba língua gestual não compreende o discurso de um surdo ou o de um intérprete quando estes gestuam. Por isso nenhuma língua gestual é mímica.”

Esta língua tem, como qualquer outra, um grande valor que, em contextos sociais de aprendizagem, permite a compreensão entre pessoas, minimiza as barreiras que sempre se colocam à aprendizagem, para além de proteger e valorizar a comunidade surda como aconteceu em 1997, ano em que foi reconhecida como uma nova língua.

A LGP não é universal, pois os gestos e expressões utilizadas são diferentes de país para país ou, mesmo diferente em cada região, de acordo com as comunidades que a utilizam. De fato, as línguas gestuais não dependem das línguas dos seus respetivos países.

“Resiliência é um conceito novo de uma realidade antiga que está muito na moda”: esta é a frase introdutória de um artigo de Tavares e Albuquerque, 1998.

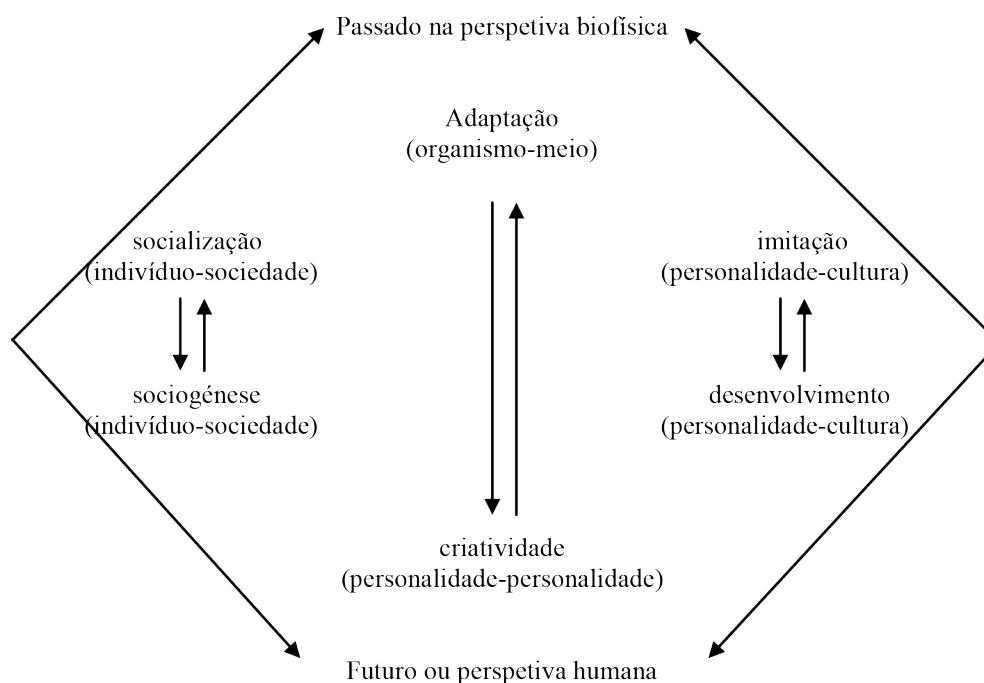
A resiliência pode ser entendida como sendo um atributo valiosíssimo presente em cada indivíduo, que o ajuda a superar as dificuldades e a adaptar-se às circunstâncias mais adversas do quotidiano, podendo este atributo ser desenvolvido ao longo de toda a vida.

Os autores Tavares e Albuquerque, 1998 escreveram “[...] resiliência é a capacidade universal que permite a uma pessoa, grupo ou comunidade, prevenir, dominar ou otimizar a adversidade, desafiando-a.”

Verifica-se que o humano é muito indefeso mas muito bem dotado para a aprendizagem e interacção social (Palacios *et al.*, 1992). Sendo o humano um ser sociável (Albuquerque e Miranda Santos, 1997, 1977a), a sua adaptação ao que o rodeia, no sentido piagetiano do termo, e de orientação interpessoal (D. Hunt, 1978) pode ser realizada de um modo natural ou em ambiente educativo, pelo que é necessário otimizar a interacção com a envolvente.

Segundo estes autores, neste processo a inicial interacção tem maior iniciativa por parte da envolvente mas, progressivamente, diminui esta responsabilidade, concomitante com a diferenciação e complexidade, ou seja, com uma maior estruturação por parte do humano. Considerando a construção deste último na descrição da representação abaixo indicada:

Fig. 1: Construção do Humano



fonte: in Albuquerque, 2005 (cit Miranda Santos, 2004)

(Miranda Santos, 2004), em que é possível a sua sociogénese e o seu desenvolvimento no exercício da sua criatividade e em que “a manifestação radical da criatividade é expressão pessoal (...) e a sua educabilidade”, a ligação da resiliência ao desenvolvimento é proposta por H. Ralha-Simões (2001). Na ramificação dos caminhos da criatividade em interação com a adaptação e num meio hostil, a funcionalidade do egoresiliente em construção tem a possibilidade de conduzir a um desenvolvimento complexo, responsabilizante e saudável, o que é definido, com admiração, por Anthony (1974). O desafio, o compromisso e o controlo são dimensões que Kobasa/Ouellette propõe para a descrição desta complexa estruturação. A situação difícil é quotidiana, mas também essencial neste construtivismo humanista, neste funcionamento psicológico, com assimilação, mas também com acomodação, equilibração, bem como orientação interpessoal.

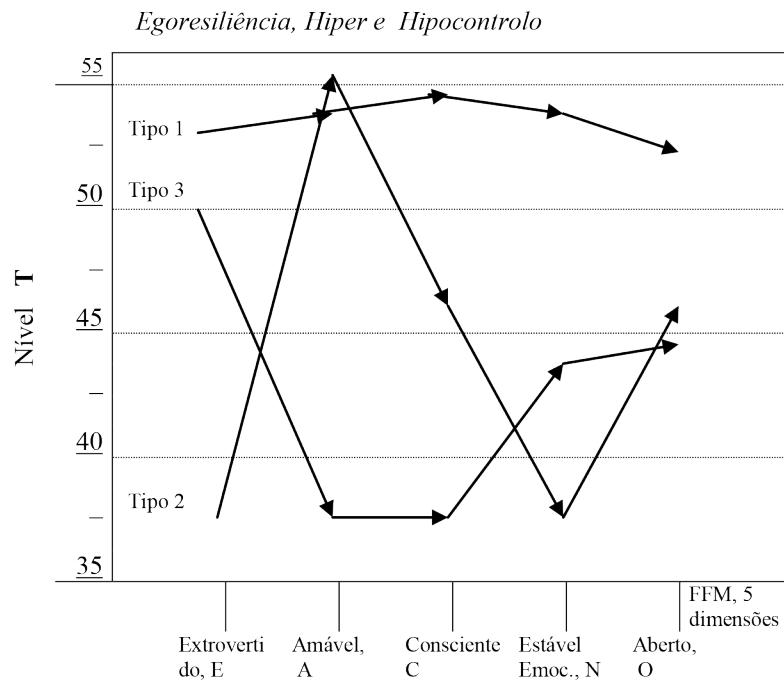
Embora sejamos todos únicos... nos modos de adaptação, nenhum de nós é tão esquisitamente diferente para não se poder definir uma útil categorização. (Block, 1971)

“Na década de 80 parece nascer algum consenso de que a personalidade podia ser caracterizada por cinco fatores, que são comuns a muitas técnicas referidas anteriormente e (...) conhecidas por *Big Five*”, ou *Five Factor Model*, FFM. Este modelo é avaliado, e.g., pelo *NEO Personality Inventory* (NEO-PI), em que podemos encontrar as seguintes dimensões: *extroversão*, *simpatia (agradabilidade)*, *controlo emocional (neuroticismo)*, *consciência e abertura à experiência* (Pais Ribeiro, 1999).

Estas são as cinco dimensões deste modelo formuladas de um modo mais simples que, associadas aos constructos dinâmicos de egoresiliência e egocontrolo, constituem as dimensões operacionalizadas segundo a Teoria do Funcionamento da Personalidade de Block e Block (1980).

[...] evidência uma estrutura do ego já bem ajustada mas não quer dizer que impeça novas experiências e novos valores. Evita a imprudência de descontrolo sem assumir as contenções do hipercontrolado; ele tem uma direção interna aceitando a responsabilidade e é tão respeitado pelos pais como pelos seus pares. (Block 1971)

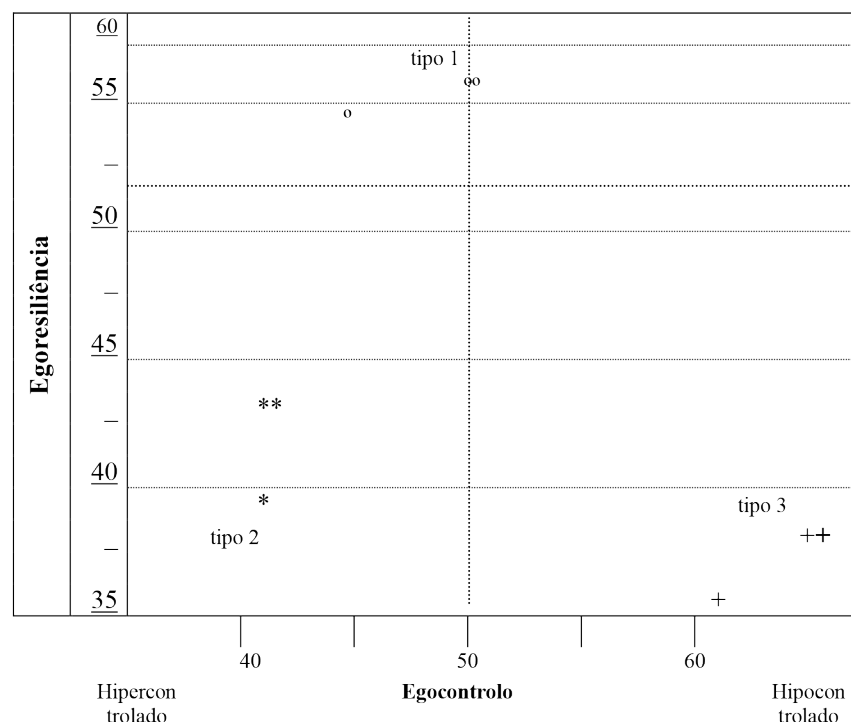
Fig. 2: Aproximação B5 e de Block relativa aos 3 tipos de funcionalidade humana replicáveis



Legenda: Perfis do FFM de 3 tipos de personalidade de adolescentes. Tipo 1, resiliente; Tipo 2, hipercontrolado; Tipo 3, hipocontrolado. Médias dos diferentes tipos de funcionalidade.

(fonte: Robins *et.al.*, 1996)

Fig. 3: Nível de egoresiliência e egocontrole nos 3 tipos de funcionalidade humana, culturalmente diferenciada: Resiliente, Hiper e Hipocontrolado



Legenda: Tipos de personalidade função da egoresiliência e do egocontrole (in nível T), separadamente por Africano-Americanos (indicados por 2 símbolos) e Caucasianos (indicados por 1

símbolo). Tipo 1 resiliente; tipo 2 hipercontrolado; tipo 3 hipocontrolado. (fonte: Robins et.al., 1996).

2.2 Perspetiva da comunicação entre Surdos e Ouvintes

Em situação de inclusão social os participantes afirmaram que existe uma falta de comunicação, cooperação e entendimento entre Ouvintes e Surdos, desde o ensino secundário. Numa turma com inclusão, os Surdos não aceitam que os Ouvintes aprendam LGP e sentem-se discriminados, isolando-se num canto. Nesta situação os Ouvintes não sabem como comunicar com Surdos. É fundamental aprender LGP para saber como comunicar entre surdos e ouvintes.

Professores de língua estrangeira dizem frequentemente que o objetivo do ensino de uma segunda língua é o de impulsionar os estudantes para além dos limites de seu próprio mundo, de encorajá-los a ver através da língua e da cultura de outros povos. (Bugos, 1980)

Aprender uma segunda língua (L2) é entrar num mundo novo, a língua nunca está separada da sua cultura, da sua história e da sua comunidade, portanto quando se aprende uma língua, está aprender-se também a sua cultura e a sua história e a entrar-se na comunidade que a fala. É necessária então a segunda língua para se entrar nesse novo mundo, na sua cultura e na sua história.

Sempre tivemos uma segunda língua como disciplina obrigatória na escola, normalmente o inglês. Precisamos de entrar no mundo das línguas, dos seus falantes para ter oportunidade de entrar na comunidade, na cultura e na vida das pessoas que a praticam e assim partilhar os seus hábitos do dia-a-dia, ver todos os cantos da língua, ter oportunidade de a compreender de aprender a sua cultura, saber a história da sua comunidade desenvolver competências da língua e com a prática aprender cada vez mais para ir mais além. O mesmo se passa com a língua gestual.

Para quem quer aprender a língua gestual como L2 (ou L3, ou L4...), o início é sempre muito difícil porque os ouvintes estão habituados a dar prioridade à audição e à oralidade, tornando-se difícil passar a utilizar gestos. Os ouvintes apresentam algumas dificuldades na aprendizagem das línguas gestuais por ser pouco utilizada no convívio com Surdos. O que se torna mais complicado para eles é a memorização de gestos por não

possuírem nenhuma interpretação textual das frases ou expressões. Mas, com algum esforço, os alunos conseguem compreender e utilizar a língua gestual mesmo que ocorra uma falha de um gesto. Apenas é necessário estarem com atenção visual, que rapidamente memorizam.

2.3 *Aprendizagem da língua gestual como segunda língua*

Em relação à segunda língua alguns autores debateram se seria uma aquisição ou uma aprendizagem. Krashen (1982) considera a aquisição como um processo subconsciente que resulta da comunicação natural e informal entre pessoas mas, por outro lado, a aprendizagem é um processo consciente que envolve a gramática, o vocabulário e as propriedades linguísticas. Aprender é, assim para este autor, um processo consciente que torna o aluno capaz de conhecer a segunda língua.

Krashen realça também a importância da aquisição informal da língua materna dentro da sala de aula, em que a aquisição é o resultado de um “*input*” linguístico que só pode ser compreensível com a ajuda do contexto. Se o aluno compreende as estruturas dessa língua então serão naturalmente adquiridas (aquisição) mas, se este tem de fazer um esforço para compreender então as estruturas dessa língua serão aprendidas (aprendizagem).

O ensino da L2 deve ocorrer quando o aluno se sentir capaz de aprender e pôr em prática para que sejam mais significativas e mais autênticas as suas aprendizagens, para concretizar qualquer objetivo que se proponha alcançar tanto na aquisição de conhecimentos como no relato de um acontecimento da sua vida.

A proposta do projeto de aprendizagem da L2 assenta nos seguintes objetivos:

- Motivar os alunos, envolvendo-os nas tarefas e buscando a sua participação ativa, para produzir uma aprendizagem verdadeiramente significativa;
- Reforçar positivamente realizações dos alunos, ajudando-os a superar a compreensão e o respeito;
- Desenvolver competências comunicativas;
- Elaborar o conhecimento na medida da compreensão que terá de se desenvolver sempre antes da produção.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL) foi elaborado em 1996 por uma equipa de especialistas, a pedido do Conselho Europeu, com o objetivo de estabelecer normas claras nos diferentes níveis de aprendizagem das línguas. Este documento fornece uma base comum para a conceção de programas. Em 1996 foi aprovado e em 1997 foi publicado pelo Conselho Europeu. Foi feita a sua adaptação para as línguas gestuais, a pedido do Ministério de Educação francês, para a Langue des Signes Française (LSF), em 2002.

Em 2006, a Associação Portuguesa de Surdos (APS) adaptou o quadro para a LGP, procurando valorizar a progressão na aquisição de competências comunicacionais nesta língua. A proposta original elaborada pela APS foi utilizada noutros cursos de LGP, como segunda língua para ouvintes.

Tab.1: Adaptação do QECRL para a LGP pela APS:

	Certificado	QECRL	Diploma	Competências
1	Nível de Iniciação (I-120h)	A1	Estudos Básicos Utilizador elementar	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros, utilizando o alfabeto manual, e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspetos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.
2	Nível Elementar (II-120h)			

3	Nível Pós-Elementar (III-120h)	A2		É capaz de compreender frases isoladas, incluindo situações que recorram a uma ou mais palavras soletradas manualmente, e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante, trabalho). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e direta sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
4	NÍVEL PRÉ-INTERMÉDIO (IV - 120h)	B1	ESTUDOS INTERMÉDIOS Utilizador independente	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola, nos momentos de lazer, etc.) É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na presença de falantes da língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre

5	NÍVEL INTERMÉDIO (V - 120h)		assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projeto.
6	NÍVEL PÓS-INTERMÉDIO (VI - 120h)	B2	É capaz de compreender as ideias principais em discursos gestuais complexos sobre assuntos concretos e abstratos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas, explicar um ponto de vista sobre um tema da atualidade e expor vantagens e inconvenientes de possibilidades diversas.
7	NÍVEL PRÉ-AVANÇADO (VII - 150h)	C1	É capaz de compreender uma grande diversidade de enunciados gestuais (em situação ou gravados) longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito os gestos adequados. É capaz de usar a Língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de
8	NÍVEL AVANÇADO (VIII - 150h)		

				forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
9	NÍVEL PÓS-AVANÇADO (IX - 240h)	C2	ESTUDOS AVANÇADOS Utilizador proficiente	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente qualquer discurso gestual. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes (em situação ou gravados), reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exatidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
10	NÍVEL SUPERIOR (X - 240h)			

Tab.2: A minha adaptação do QECRL para a LGP para ouvintes voluntários:

QECRL	Plano Curricular
A1 (25h)	A Língua Gestual Portuguesa como língua natural. Alfabeto Gestual. Numeração. Saudações. Cortesia. Pronomes. Identificação Pessoal. Cidades de Portugal. Calendário. Estações do Ano. Questões Temporais. Materiais Escolares. Cores. Meios Transportes. Profissões. Família. Estado Civil. Animais. Alimentação.

Naturalmente, não foi feita a correspondência real ao nível da aquisição de conhecimento. Tal divergência acarreta ainda implicações na forma de avaliar a competência linguística. Ora, quem convive diariamente com a comunidade Surda tem a consciência de que é apenas necessário o nível básico do QECRL o A1, para conseguir comunicar de forma muito simples em LGP.

Na maioria dos casos, os alunos ouvintes só interagem em LGP durante as aulas porque se estes ouvintes não voltarem a ter mais nenhum contato com pessoas surdas, esquecem progressivamente as aprendizagens realizadas.

É por isso fundamental que se torne mais exigente a formação da LGP-L2, no sentido de a valorizar, não passando a ideia de que a LGP é uma língua fácil de aprender e a aprendizagem de LGP-L2 é indispensável para a formação de alunos de turmas de inclusão de surdos. Quem tiver a turma de inclusão, não deve esquecer a LGP para poder comunicar com os alunos da mesma turma.

2.4 Avaliação de cada uma das três dimensões em resiliência

No início os alunos conseguiram comunicar uns com os outros embora no final se tornasse um pouco difícil. Para o comprovar foram convidados 4 surdos e durante o convívio só 2 conseguiram comunicar com a equipa ouvinte. Os outros dois não conseguiram porque não foram cooperantes. No entanto numa situação extra aula os alunos entram em comunicação com relativa facilidade.

No final do convívio os alunos preencheram o segundo questionário e dada terminada a formação procedi ao contato dos alunos tendo como objetivo um inquérito final através da internet.

Devido à realização destes mesmos inquéritos foi possível avaliar os alunos quanto à sua resiliência.

A resiliência tem três dimensões: desafio, compromisso e controlo. Posto isto, procedi à avaliação de cada participante de acordo com as mesmas.

Quanto ao desafio os participantes aceitaram e respeitaram a área da LGP, compreendendo claramente a designação da mesma. Mostraram-se também muito interessados em voluntariarem-se para frequentar aulas de LGP. O número de aderentes foi influenciado pelo fato de estar integrado um Surdo na turma e os participantes, sem qualquer noção básica de como comunicar com uma pessoa Surda, reconheceram que deviam adaptar o seu comportamento. Ao longo do tempo demonstraram algumas dificuldades, mas por se preocuparem com o seu autodesenvolvimento revelaram aspetos positivos.

A seguinte dimensão trata o compromisso, que constitui duas vertentes: compromisso pessoal e compromisso social, que por sua vez, contêm subdimensões.

No compromisso pessoal estão presentes ideias como: por si própria, a pessoa mostrar-se ativa; e no quotidiano a pessoa ouvinte deparando-se com uma pessoa surda, demonstrar-se capaz de comunicar.

O compromisso social integra ideias como: convívio entre Ouvintes e Surdos, sem que a nenhuma das partes se isole do grupo e a aceitação social.

Por último, o controlo apresenta duas subdimensões: Locus de Controlo Interno e Controlo Emocional e de Tarefa.

O primeiro trata a aceitação das situações exatamente como elas são, ou seja, aceita a forma de comunicação. Por exemplo, cada pessoa tem a sua forma de comunicar, quer seja em LGP ou através de uma língua oral, e quando nos deparamos com uma pessoa com um nível de fluência da língua diferente do nosso procedemos a aceitação do mesmo e em seguida adaptamo-nos.

O segundo, Controlo Emocional e de Tarefa, demonstra iniciativa pela pessoa para comunicar. Por exemplo, na situação estudada verifiquei que a pessoa ouvinte demonstrou ter mais iniciativa do que a Surda. Assim, verifica-se que facilitar a comunicação depende da própria pessoa.

Quanto às turmas A e B, verificou-se que o número inicial de voluntários a participar na formação era de 37 alunos. No entanto este número diminui para 22 alunos, onde vários fatores tiveram influência, entre os quais a perda de interesse. Quanto à turma A, esta perda de interesse pode-se verificar devido a problemas internos que foram surgindo ao longo do ano letivo. A maioria dos alunos da turma A não são resilientes, pois não ultrapassaram a etapa do desafio nem do compromisso. Devido à falta de resiliência por parte da população surda integrada nesta mesma turma a maioria da mesma população ouvinte deixou-se influenciar e desistiu de se voluntariarem para a formação de LGP. Ora os poucos que permaneceram (apenas 3 de um grupo de 16), não foram aceites pela população surda inserida na turma. No entanto essa mesma população surda aceitou a aprendizagem da LGP por outros cursos que não o seu. Esta situação teve um impacto enormíssimo no número de desistentes da formação.

Por outro lado, a turma B foi influenciada de uma forma positiva pelo indivíduo surdo inserido na turma, demonstrando que os voluntários B aceitaram o desafio e o compromisso social, demonstrando-se resilientes, possivelmente influenciados pelo indivíduo surdo que se demonstrou resiliente também.

3 Método

Ao longo deste Projeto, apesar de não ser de investigação, houve uma exigência de rigor e exatidão desde a planificação do mesmo, passando pela construção da amostra e pela aplicação do instrumento, até à estruturação das sessões.

3.1 Amostra

3.1.1 Construção da Amostra 1 e 2

Para recolha de amostras procedi ao contacto de duas turmas (A e B), onde distribuí inquéritos por 83 participantes, que constituíram a amostra 1. Desta população de 83 ouvintes o número de indivíduos a estudar diminuiu consoante o interesse de cada um na área, estreitando os casos a avaliar para 22 ouvintes que se voluntariaram para participarem numa formação de LGP, turma C. Aplicou-se o Q2 à turma, onde estavam presentes 19 alunos, estes que constituíram a amostra 2.

3.1.2 Caraterísticas Gerais da Amostra 2

De acordo com o Quadro 1, a mostra foi constituída por dezanove alunos da turma C, com idades compreendidas entre os dezoito e os vinte e dois, tendo a maioria dezoito anos (42%).

Quanto à distribuição por sexo, 84% são do sexo feminino e 16% do sexo masculino.

Quadro 1 – Caraterização dos alunos envolvidos no projeto (n=19)

		n	%
Sexo	Masculino	3	16
	Feminino	16	84
Idade	18	8	42
	19	7	37
	20	3	16
	22	1	5

3.2 *Instrumento*

A escolha dos instrumentos Q1, Q2 e Q3, tem como objetivo inquirir os ouvintes percebendo se comunicam com a comunidade Surda e de que forma e avaliando cada um quanto à sua resiliência.

O Q1 (Anexo 3) pretendia perceber que nível de conhecimentos tinham os alunos sobre como comunicar com a comunidade surda, previamente à formação. As questões fundamenais colocadas neste inquérito seriam: “7. Já alguma vez comunicou com Surdos? Se sim, como comunica com eles?” e “8. Acha que é fácil comunicar com Surdos? Porquê?”.

Quanto ao Q2 (Anexo 4), distribuído no final da última sessão, tem como formato duas tabelas, sendo que a primeira considera que “É fácil comunicar com o Surdo se...” integrando várias possibilidades avaliadas de 1 (valor mais baixo) a 10 (valor mais alto); e a segunda “Acha que é fácil comunicar com o Surdo porque...”, sendo classificada da mesma forma que a primeira tabela, dado que os alunos já teriam adquirido os conhecimentos base para comunicar.

Por último, o Q3 (Anexo 5) foi criado através da internet e posto em prática da mesma forma. O mesmo pretendia perceber se na vida quotidiana nos alunos havia contato com a comunidade surda. O mesmo questiona se os alunos já contataram Surdos de forma autónoma após a formação e quem tomou a iniciativa do contato.

3.3 *Procedimentos*

Este projeto decorreu na ESEC devido à existência de alunos surdos integrados em turmas de ouvintes e dificuldade de comunicação entre comunidade ouvinte e comunidade surda.

Numa primeira fase, construiu-se o projeto e o primeiro inquérito (Q1).

Numa segunda fase, a Doutora Isabel Correia, coordenadora do curso de LGP, procedeu ao contato com os coordenadores dos cursos de ASE e GS para ver possibilidade de aplicação deste projeto de mestrado. Após a autorização o coordenador combinou-se a

apresentação do projeto e a aplicação de instrumento com dois professores de duas turmas, uma turma A (do curso ASE), e uma turma B (do curso GS). No dia 18 e no 19 de novembro realizou-se este último momento, respetivamente na turma A e na turma B. Estiveram presentes eu, uma intérprete, uma orientadora Doutora Ana Albuquerque e a coorientadora Doutora Isabel Correia.

Após a autorização de todas as entidades envolvidas neste projeto, procedeu-se à distribuição do Q1 bem como de uma folha em que os interessados a voluntariarem-se numa formação básica de LGP colocariam o seu nome, disponibilidade de horário

Na terceira fase contactou-se novamente as turmas para divulgação da sala e horário da formação, dando-se início à formação de 19 ouvintes (turma C), constituída por 12 sessões, sendo a última planificada de modo a existir a comunicação entre Ouvintes e Surdos. Esta última consistiu num convívio entre surdos e ouvintes, sendo que os quatro surdos foram convidados, tanto das turmas estavam integrados, como de outras turmas. No final da sessão procedeu-se à distribuição do Q2.

Entretanto, numa quarta fase, elaboraram-se os questionários quantitativos Q2 e Q3. Após a análise qualitativa dos resultados da aplicação do que Q1 pôde-se verificar 7 indicadores das condições de facilidade de comunicação e 6 da razão dessa facilidade de comunicação. Construiu-se assim o Q2 numa escala de Linker de 10 valores. Após a última sessão da formação pareceu-me verificar a existência de comunicação entre elementos da turma C e Surdos tanto no quotidiano tanto na instituição como no facebook. Por esta razão e para enriquecer as evidências de comunicação do projeto, elaborámos o Q3, com três questões principais que entendemos importante. Este foi criado através do Survio¹.

Numa quinta fase, após a formação, entrou-se em contato com os alunos que participaram na formação e aplicou-se o Q3, através da internet. Posteriormente fez-se um primeiro tratamento desta aplicação.

Numa sexta fase compilou-se todos materiais obtidos, fez-se a sua análise estatística discutiram-se os resultados e preparou-se a conclusão.

3.3.1 Procedimentos estatísticos

Os dados recolhidos nas perguntas fechadas foram tratados estatisticamente com recurso aos programas SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 21, e ao

¹ Survio, programa de construção de inquérito online.

Survio- inquéritos online. Por sua vez, na questão aberta do questionário foi realizada uma análise de conteúdo para a identificação das categorias de respostas (indicadores), tendo-se posteriormente procedido à análise de frequência das categorias identificadas através do SPSS.

4 Projeto de Intervenção/Resultados

4.1 Sessões LGP

O projeto desenvolveu-se lecionando aulas de LGP a 22 alunos voluntários durante 25 horas, duas vezes por semana. Foi feita a planificação a médio prazo e planificações diárias (Anexo 1). Cada aula incluía exercícios de relaxamento, introdução de novos gestos, utilização de novo vocabulário inserido no contexto da aula para os alunos compreenderem melhor as regras de utilização dos gestos.

A planificação a longo prazo refere a interação em LGP, a literacia em LGP, o estudo da língua, e LGP, comunidade e cultura e respetivas competências. As planificações diárias referem os conteúdos de cada aula, descritores de aprendizagem, o percurso da aula, duração, recursos materiais e avaliação formativa.

4.1.1 Manual

Numa época em que o tema da Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos é, ainda, escasso, tornou-se urgente aumentar a sensibilização da comunidade em geral. Posto isto tornou-se necessária a criação de um manual que contenha as noções básicas sobre a forma de como contactar a comunidade Surda.

É fundamental que as pessoas adquiram estes conhecimentos em prol de uma boa comunicação entre ambas a comunidades.

Este manual que elaborámos contém a explicação da diferença entre Língua e Linguagem, a clarificação da Língua quando à sua universalidade, estratégias de comunicação, como abordar um Surdo e as várias associações que se pode recorrer.

5 Discussão

No geral o inquérito inicial (Q1) relevou os conhecimentos e opinião dos ouvintes quanto à comunicação entre surdos, pelo que era perguntado aos inquiridos se alguma vez já tinham contactado com uma pessoa Surda e sobre que forma o fizeram: pela escrita, leitura labial, mímica, LGP; pois é normal na sociedade contactar sobre estas mesmas formas. O Q1 revelou que a maioria dos ouvintes não considera que seja fácil contactar com um Surdo, justificando que depende do grau de surdez, do seu feitio. Esta justificação apresenta-se como uma falácia, pois o grau de surdez não influencia a capacidade de comunicação da pessoa Surda, pelo que existem Surdos com um grau de surdez profundo que são capazes de comunicar melhor com ouvintes do que Surdos severos ou parciais.

Quanto ao feitio, pode-se dizer que está presente em cada individuo, e a vontade de não comunicar pode não se verificar tanto num individuo da comunidade Surda como da Ouvinte, como se confirma na turma A.

Através do Q2 e Q3 é possível verificar que ocorreu um desenvolvimento positivo. Por este resultado positivo proponho a continuação da aprendizagem dos níveis seguintes da LGP.

5.1 IWE

A ESEC organizou, do dia 21 a 23 de maio, a *IWE*, onde tive a oportunidade de participar na qualidade de oradora convidada, cujo tema central foi *Higher Education: Rethinking Challenges*. A minha participação abordou o tema “Comunicar e desentender – LGP e resiliência desafiante” (Anexo 6).

A IWE tem como objetivo principal repensar na educação superior e nas atividades que esta aborda: alunos que estudam com o propósito de obterem resultados específicos, baseados nos desfechos globais, preparar alunos para o mercado de trabalho, após o término dos seus estudos.

6 Conclusão: propostas e trabalhos de futuro

Aquando a análise das respostas ao inquérito inicial Q1 aplicados à amostra, (83 elementos) verificou-se que a maioria das ouvintes não possuía qualquer conhecimento sobre a área da LGP. Visto que estes pertenciam a turmas com integração de surdez,

colmatou-se esta falha tirando proveito do interesse dos participantes pelo tema em estudo e facultando-se uma pequena formação. Estes fatos permitiram-lhes adquirir os conhecimentos básicos da LGP. Após a formação verificou-se que foi possível estabelecer comunicação entre ambas as comunidades.

Como o artigo 23.º do Decreto-lei n.º 3/2008 obriga uma educação bilingue, referindo que a LG é a primeira língua dos surdos, podemos dizer que a segunda língua dos surdos é a LP. Surge então como disciplina obrigatória para a comunidade surda a LGP, desde o pré-escolar até ao ensino secundário.

Os estudantes surdos possuem um horário equivalente aos estudantes ouvintes, no entanto possuem mais uma disciplina.

Porque não incluir os estudantes ouvintes nesta mesma disciplina?

Dado que a falha permanece, há uma falta na transmissão de conhecimentos, sendo de considerar a possibilidade de a comunidade ouvinte, pelo menos aquela que estivesse inserida num meio em que Surdos estivessem integrados, também frequentassem a mesma disciplina que os Surdos, com um horário equivalente aos mesmos e adquirindo conhecimentos fundamentais para estabelecer comunicação entre ambas as comunidades.

Através da análise do Q2 e Q3, e com base nas três dimensões da resiliência (desafio, controlo, compromisso) é possível mostrar como se torna vantajoso quando alunos de diferentes áreas e que frequentaram a mesma formação conseguirem apresentar os mesmos resultados positivos.

Pelo que foi possível analisar nos dados recolhidos, conclui que os alunos que participaram na formação de LGP são resilientes.

Proponho então que nas escolas de referência todos os alunos frequentassem, obrigatoriamente, a disciplina de LGP. Caso o mesmo não seja possível, deveria, no mínimo, ser obrigatório a frequência de turmas de inclusão, incluindo as turmas do ensino superior.

Não é aconselhável esta norma para todos os alunos surdos visto que, alguns deles poderão ter maior conhecimento e desenvolvimento em LGP. Assim, os alunos surdos com menor conhecimento em LGP poderiam frequentar a mesma turma dos ouvintes e os que tivessem um maior desenvolvimento nesta língua passariam a frequentar uma turma diferente.

7 Referências bibliográficas

Afonso, C. (2005). Inclusão e Mercado de trabalho – Papel da Escola na transição para a vida adulta de alunos com NEE. *Saber (e) Educar*, 10, pp.53 –66.

Albuquerque, M, (2004) Resiliência: contributos para a sua conceptualização e medida. Universidade de Aveiro.

Albuquerque, A (2012) Releitura de “touchpoints” em caminhos a qualidade da educação: a Resiliência na AEPEC *in*.

Amaral, M. A., Coutinho, A., & Martins, M.R.D. (1994). Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa. Lisboa: Caminho.

Amstrong, D. Stokoe, W.C. and Wilcox, S. (1995) *Gesture and the Nature of Language* Cambridge. Cambridge University Press.

Baptista, Madalena (2003), *Falar com as Mãos*, Pé de Página Editores: Coimbra.

Carvalho, P.V. (2007), *Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd’universo Livraria Especializada Lda.

Coelho, Orquídea (2005), *Perscrutar e Escutar a Surdez*, Editora Afrontamento: Porto.

Cordetf, S.P. (1978) “Simple Codes” and the source of the second language learner’s initial heuristic hypothesis, *studies in second language acquisition* 1, pp.1-10.

Correia, I. (2009). O Parâmetro da Expressão na Língua Gestual Portuguesa: unidade suprasegmental. *Exedra*, pp.57 – 68.

Correia, I. (2011). Uma Língua que se Sente. *Surdos Noticias*, 8, pp.19

Correia, M. & Nascimento, S. (2011). *Um olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa. Universidade Católica Editora.

Duarte, L. (2009). *Processos de Formação de Gestos Terminológicos em LGP, no Domínio das ciências Naturais*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Felgueiras, M.C., Festas, C. e Vieira, M. (2011); “Adaptação e Validação da Resilience Scale de Wagnild e Young para a Cultura Portuguesa”. *Cadernos de Saúde* , 3(1) pp73-80.

Goldin-Meadow, S. (2003) *The resilience of language essays in developmental psychology*. New York: Psychology Press.

Laborit, Emmanuelle (tradução de Ângela Sarmenta) (1ª ed. 2000), *O Grito da Gaivota*, Editorial Caminho: Lisboa.

Morgado, M (2012). Ensinar e Aprender a Língua Gestual Portuguesa como L2. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Nielsen, L. B. (2003). Necessidades Educativas na Sala de Aula. Um Guia para Professores.(Vol. 3). (Coleção Educação Especial). Porto: Porto Editora. Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto:Porto Editora. Bispo, M^a.; Couto, A.; Clara, M^a. & Clara, L. (coord.) (2006).

O Gesto e a Palavra I. Antologia de textos sobre a surdez. Projecto AFAS. Lisboa: Editorial Caminho. Afonso, C. (2008). Reflexões sobre a surdez -A Problemática Específica da Surdez.(1^aed).(Coleção Biblioteca do Professor). V N G: Edições Gailivro.

Patrício, M.F., Sebastião, L., Justo, J.M. e Bonito, J. (orgs.), Da exclusão à excelência: caminhos organizacionais para a qualidade da educação. Montargil: AEPEC, pp. 317-327.

Perdue, C. (1983) Adult Language Acquisition. Cross-Linguistic Perspectives. Volume 1. Field Methods; volume 2. The results. Cambridge: Cambridge University Press.

Pesce, Renata P., Assis, Simone G., Avanci, Santos, Nilton C., e Carvalhaes de Oliveira, Raquel de V. (Fundação Oswaldo Cruz) (2004); Risco e Proteção: Em Busca de um Equilíbrio Promotor de Resiliência, *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Brasília) Maio-Agosto, 20 (2) pp.135-143.

Pesce, Renata P., Assis, Simone G., Avanci, Joviana Q., Santos, Nilton C., Malaquias, Juaci V. e Carvalhaes, Raquel (2005) 1; Adaptação Transcultural, Confiabilidade e Validade da Escala de Resiliência, *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro) Março-Abril 21 (2) pp.436.

Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa – Educação Pré-Escolar e Ensino Básico. Ministério da Educação; DGIDC.

Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa – Ensino Secundário. Ministério da Educação; DGIDC.

Rodrigues, D. (org) (2003). Perspectivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade. Porto: Porto Editora. Quadros, R. M. de. (1997). Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed.

Rogers, S, Muir, K, Evenson, C, R. (2003), Signs of Resilience: Assets that support Deaf Adults' Success *in* Bridging the Deaf and Hearing Worlds.

Starren, M. (2001), The second time. The acquisition of Temporality in Dutch and French as a second Language. Utrecht: LOT.

Stokoe, William (2005), "Sign Language Structure: an Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf", *Journal of Deaf Studies and Deaf*

Education, vol.10, nº1, Oxford University press, pp. 3-37. Consultado em jdsde.oxfordjournal.org/content/10/1/3.full.pdf, em 20/07/14.

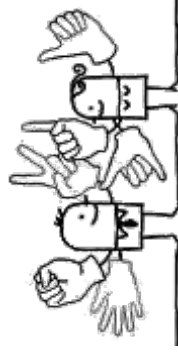
Von Stutterheim, ch. (1991) Narrative and description: Temporal reference in second language acquisition. In T. Heubner and C. Ferguson (eds) *croissacourants in second language acquisition and linguistics theories* (pp.358-403). Amsterdam: Benjamins.

8 Anexos

1. *Planificações (Anexo 1)*
2. *Última Sessão (Anexo 2)*
3. *Q1 e gráfico (Anexo 3)*
4. *Q2 e dados (Anexo 4)*
5. *Q3 e resultados (Anexo 5)*
6. *IWE (Anexo 6)*

Anexo 1

Planificações



Área Curricular: Língua Gestual Portuguesa

2013/2014



Data: ____ / ____ / ____

Aula n.º: 1

Tema: Apresentação / O que é a LGP?

Mestranda: Susete Ornelas

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interação em LGP</u> - Atenção Visual - Comunicação Interpessoal - Diversidade Comunicativa <u>Estudo da Língua</u> - Datilologia	- Compreender a importância do olhar para a pessoa surda; - Aprender as regras para tomar vez numa conversa; - Compreender e cumprir instruções; - Temas: “Regras da sala de aula” e “O que é a LGP?” - Soletrar corretamente o seu nome.	O professor começa a primeira aula, cumprimentado os alunos. Escreve o seu nome próprio no quadro. Diz o seu nome em datilologia sem dar grande importância a esta tarefa. Apresenta o alfabeto. Distribuir o alfabeto manual e treinar datilologia. Cada aluno apresenta o seu nome em abecedário gestual. O professor explica aos alunos as regras da sala de aula. Explicar: “O que é a LGP?”	120’	Folhas Projetor

NOTA:





Área Curricular: Língua Gestual Portuguesa

2013/2014



Data: ____ / ____ / ____

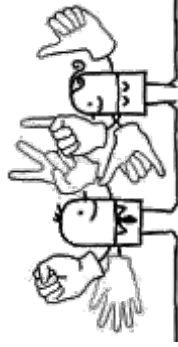
Aula nº: 3

Tema: Nome Gestual

Mestranda: Susete Ornelas

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Atenção Visual	- Compreender a importância do olhar para a pessoa surda; - Temas: “Nome Gestual”;	Explicar aos alunos o significado do “Nome Gestual”. Na comunidade surda todos têm um nome gestual. Dar como exemplo um surdo a dar o nome gestual. Mostrar o livro “Sou ASAS”. Mostrar alguns exemplos de pessoas surdas e ouvintes, alguns de pessoas famosas de que os surdos falam.	120’	Projetor Folhas
- Diversidade Comunicativa <u>Literacia em LGP</u> -Produção	- Descrever pessoas;	O professor distribui os alunos por grupos e dá a cada grupo uma imagem e pede aos alunos para inventar um nome gestual para cada imagem e cada grupo faz a sua apresentação. O professor pede aos alunos para ajudarem a inventar um nome gestual para cada um dos colegas. (Só membros da comunidade surda é que dão os nomes gestuais)		
- Jogos Linguísticos	- Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos.			

NOTA:



	2013/2014 	Data: ____ / ____ / ____ Mestranda: <u>Susete Ornelas</u>
Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Tema: <u>Calendário / Estações do Ano</u>		
Aula nº: <u>4</u>		

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação em Grupo	- Participar num diálogo com colegas;	Rever a aula anterior. O professor mostra o calendário e pergunta aos alunos qual o dia e a semana em que estamos. Depois ensina os gestos das semanas e dos meses. Logo de seguida, o professor mostra, no quadro, as quatro estações do ano. O professor pede aos alunos para formarem grupos de trabalho. Distribui depois os papeis de imagens por grupo. Cada grupo deve explicar as imagens dos papeis, dando dez exemplos de cada imagem em cada grupo, demorando, no máximo, 10 minutos. Depois, cada equipa escreve no quadro as dez palavras dos exemplos. O professor pede aos alunos para representarem por gestos, para os outros adivinharem. No fim, o professor manda repetir novamente.	120'	Papeis Quadro
<u>Estudo da Língua</u> - Vocabulário	- Aprender gestos; - Temas: “Semanas”, “Meses” e “Estações do Ano”.			

NOTA:



Área Curricular: Língua Gestual Portuguesa

2013/2014



Data: ____ / ____ / ____

Aula nº: 5

Tema: Materiais escolares / Cores

Mestranda: Susete Ornelas

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação Interpessoal <u>Literacia em LGP</u> - Produção - Jogos Linguísticos	<ul style="list-style-type: none">- Utilizar a LGP de forma expressiva em jogos e momentos lúdicos;- Compreender e cumprir instruções;- Descrever, objetos ou pessoas;- Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.	<p>Rever a aula anterior.</p> <p>O professor ensina os gestos dos materiais escolares incluindo com as cores ilustradas nas imagens.</p> <p>O professor pega nos cartões das imagens virados para baixo e espalhados numa mesa.</p> <p>Um aluno pega numa carta e tenta transmitir em LGP, a material escolar correspondente, para os colegas corrigir.</p>	120'	Folhas

NOTA:



<p>Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u></p> <p>Aula nº: <u>6</u></p>	<p>2013/2014</p> <p>Tema: <u>Meios Transportes / Profissões</u></p>	<p>Data: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u></p> <p>Mestranda: <u>Susete Omelas</u></p>
---	---	--

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação em Grupo <u>Literacia em LGP</u> - Jogos Linguísticos	- Participar com os colegas, por intermédio de um diálogo. - Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.	<p>O professor escreve, em pedaços de papel, os meios transportes incluindo com profissões. Seguidamente dobra-os e coloca-os num recipiente.</p> <p>Mais tarde, divide o grupo em equipas de duas a três pessoas e pede a um aluno de cada equipa, para tirar um papel do recipiente e sortear.</p> <p>Seguidamente as equipas distribuem-se pelos cantos da sala, de modo a ficarem bem isoladas umas das outras. Cada equipa terá no máximo 10 minutos para preparar uma mímica.</p> <p>Cada equipa representa, em datilologia o título sorteado e as outras terão de perceber o título do grupo apresentador.</p>	120'	Papeis

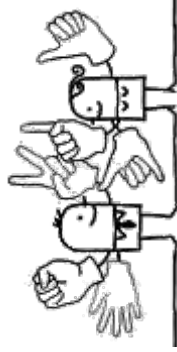
NOTA:



Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Aula nº: <u>7</u>	2013/2014 	Data: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u> Mestranda: <u>Susete Ornelas</u>
Tema: <u>Família/Estado Civil</u>		

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Estudo da Língua</u> - Vocabulário <u>Literacia em LGP</u> - Produção -Jogos Linguísticos	- Aprender gestos; - Temas: “Família” e “Estado Civil”; - Descrever, objetos ou pessoas; - Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.	<p>O professor pergunta os meios transportes e profissões aos alunos e corrige os gestos se eles errarem.</p> <p>Desenha no quadro a árvore de família e ensina os gestos de cada família.</p> <p>Depois, desenha e pergunta o estado civil das pessoas representadas na árvore no quadro e os alunos têm que adivinhar.</p> <p>Em seguir esclarecer as dúvidas dos alunos.</p> <p>Por fim, cada aluno pega numa carta de bingo com bolinhas e o professor transmitir cada gestos sobre os temas anteriores correspondente para os alunos adivinharem com a imagem numa carta de bingo.</p>	120’	Quadro Papel

NOTA:



	2013/2014 	Data: ____ / ____ / ____ Mestranda: <u>Susete Ornelas</u>
Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Aula nº: <u>8</u> Tema: <u>Pequeno texto</u>		

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação Interpessoal <u>Literacia em LGP</u> - Produção	- Utilizar a LGP de forma expressiva em jogos e momentos lúdicos; - Compreender e cumprir instruções; - Descrever, objetos ou pessoas;	Rever a aula anterior sobre família. O professor pede aos alunos para se colocarem aos pares e entrega as folhas a cada equipa. Cada equipa treina o pequeno texto no máximo durante 20 minutos. O professor pergunta cada a equipa se ainda têm dúvidas. No fim do tempo, cada equipa representa o pequeno texto em LGP e o professor pergunta aos outros alunos quais são os erros. No fim, o professor corrige e explica como transmite o pequeno texto.	120'	Folhas

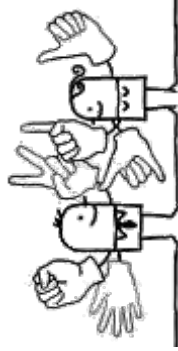
NOTA:



Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Aula nº: <u>9</u>	2013/2014 Tema: <u>Animais</u>	Data: <u> </u> / <u> </u> / <u> </u> Mestranda: <u>Susete Omelas</u>
--	-----------------------------------	---

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação Interpessoal <u>Literacia em LGP</u> - Produção - Jogos Linguísticos	- Utilizar a LGP de forma expressiva em jogos e momentos lúdicos; - Compreender e cumprir instruções; - Descrever, objetos ou pessoas; - Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.	Rever as aulas anteriores e esclarecer as dúvidas dos alunos. O professor explica aos alunos o jogo sobre os animais das palavras proibidas. Um aluno tira a imagem e explica o animal que está representado nessa imagem. A explicação é feita por gestos para o outro aluno adivinhar em LGP. O professor corrige e ensina os gestos de cada imagem que os alunos representaram.	120'	Folhas

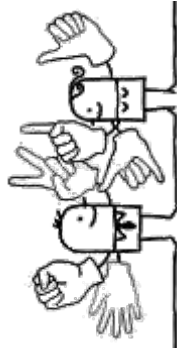
NOTA:



Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Aula nº: <u>10</u>	2013/2014 	Data: ____ / ____ / ____ Mestranda: <u>Susete Ornelas</u>
Tema: <u>Alimentação</u>		

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interação em LGP</u> - Comunicação em Grupo <u>Estudo da Língua</u> - Vocabulário	- Participar num diálogo com colegas; - Aprender gestos; - Temas: “Estações do Ano”.	Rever a aula anterior. Logo de seguida, o professor mostra, no projetor, as imagens de alimentação e ensina cada imagem. O professor pede aos alunos para formarem grupos de trabalho. Distribuí depois os papeis de imagens por grupo. Cada grupo deve explicar as imagens dos papeis que representa na imagem, demorando, no máximo, 10 minutos. Depois, o professor pede aos alunos para representarem por gestos feito pelo grupo, dialogo. No fim, o professor corrige.	120’	Projetor Papeis

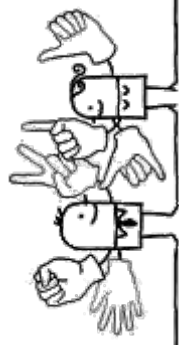
NOTA:



Área Curricular: <u>Língua Gestual Portuguesa</u> Aula nº: <u>11</u>	2013/2014 Tema: <u>Sentimentos</u>	Data: ____ / ____ / ____ Mestranda: <u>Susete Ornelas</u>
---	---------------------------------------	--

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interacção em LGP</u> - Comunicação Interpessoal	- Utilizar a LGP de forma expressiva em jogos e momentos lúdicos; - Compreender e cumprir instruções;	O professor explica os alunos para recortar as revistas a procura dos sentimentos. Seguidamente dobra-os e coloca-os num recipiente. Cada aluno para tirar um papel do recipiente e divide o grupo em equipas de três a quatro pessoas. Seguidamente as equipas distribuem-se pelos cantos da sala, de modo a ficarem bem isoladas umas das outras. Cada equipa terá no máximo 15 minutos para preparar um pequeno teatro dos sentimentos sobre a imagem sorteados. Cada equipa representa o pequeno teatro e outra equipa terão perceber, em datilologia. No fim, o professor ensina cada sentimentos em LGP, representados no quadro que os alunos adivinharam.	120'	Revistas Quadro
<u>Literacia em LGP</u> - Produção - Jogos Linguísticos	- Descrever, objetos ou pessoas; - Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.			

NOTA:



Área Curricular: Língua Gestual Portuguesa

2013/2014



Data: ____ / ____ / ____

Aula n.º: 12

Tema: Jogo de Tabela

Mestranda: Susete Ornelas

Conteúdos	Descritores de Aprendizagem	Percurso da aula	Duração	Recursos Materiais
<u>Interação em LGP</u> - Comunicação Interpessoal <u>Literacia em LGP</u> - Produção - Jogos Linguísticos	- Utilizar a LGP de forma expressiva em jogos e momentos lúdicos; - Compreender e cumprir instruções; - Descrever, objetos ou pessoas; - Experimentar, criar e apreciar diferentes jogos linguísticos em LGP.	Rever aulas anteriores e esclarecer as dúvidas dos alunos. Logo de seguida, o professor mostra, o jogo de tabela, as mímicas, as palavras proibidas, os questionários, os desenhos e imitar os gestos da outra equipa. O professor escreve, em pedaços de papel, os números, dobra-os e coloca-os num recipiente. Cada aluno, para tirar um papel do recipiente e transforma em equipa pelos números. Cada equipa lança os dados a ordenar os números do recipiente.	120'	Folhas Jogo de Tabela

NOTA:

Anexo 2

Última Sessão



Anexo 3

Q1 e gráfico

QUESTIONÁRIO

Este questionário é para um trabalho de mestrado na área da Educação para a Saúde.

Não há respostas certas ou erradas.

O que interessa neste estudo é a tua opinião.

Inquérito por questionário

1. Nome (fictício): _____

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

3. Idade: _____

4. Ano de escolaridade: _____

5. Tem surdos na família? ☐ Sim ☐ Não

6. Conhece alguém surdo? ☐ Sim ☐ Não

7. Já alguma vez comunicou com surdos? Se sim, como comunica com eles?

8. Acha que é fácil comunicar com surdos? Porquê?

9. Qual é a designação correta para LGP:

- Língua Gestual Portuguesa ☐

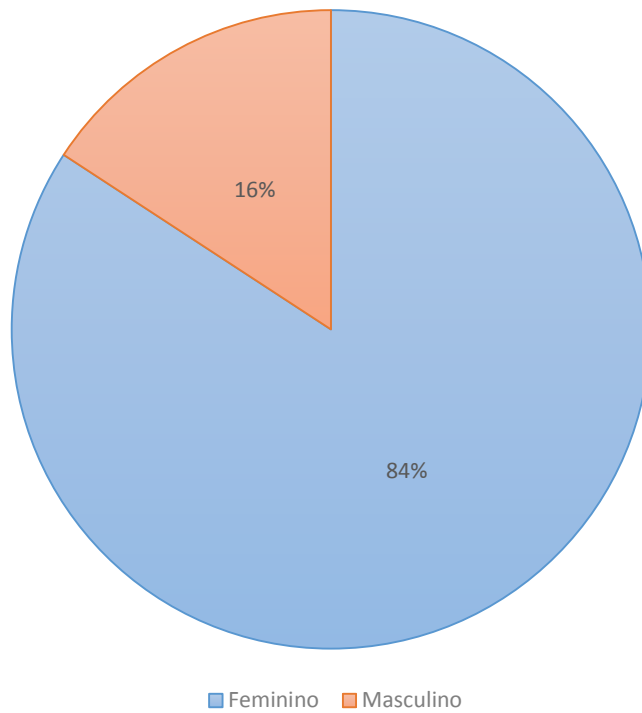
- Linguagem Gestual Portuguesa ☐

10. Tem interesse em aprender LGP? ☐ Sim ☐ Não

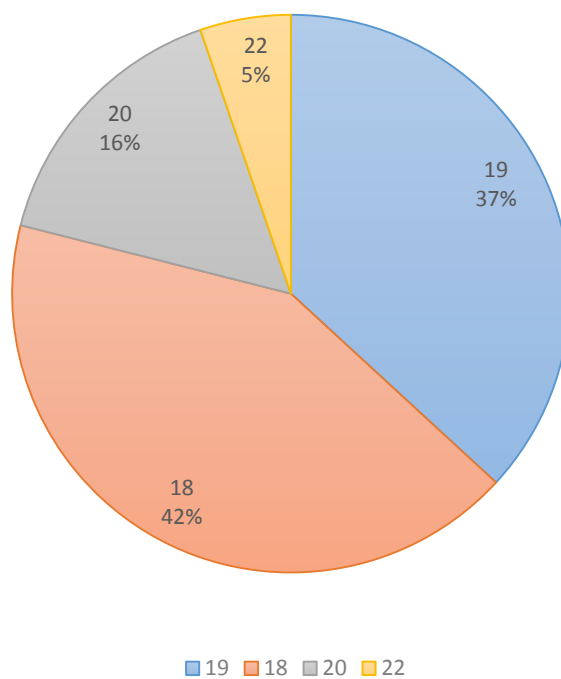
11. Tem conhecimentos sobre LGP? Se sim, quais?

Obrigado pela colaboração!

Sexo



Idades



Anexo 4

Q2 e dados

Questionário2

Data: 19-5-2014

ESEC

Sexo-----feminino-----masculino

Idade_____

Considerando a escala apresentada, sendo o valor 10 o mais alto, responda por favor, escolhendo o valor que, para si, é o mais adequado

É fácil comunicar com o Surdo se...											
1	Tiver boa atitude	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	Tiver implante/aparelho auditivo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	O grau de surdez for profundo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4	A iniciativa for do Surdo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5	Não souber oralizar	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6	O ouvinte estiver inserido na comunidade Surda	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7	Ele tiver dificuldades de escrita	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Acha que é fácil comunicar com o Surdo porque...											
1	Sei LGP	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	Ele faz leitura labial	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	Utilizo a mímica	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4	Eu faço esforço	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5	Ele faz esforço	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6	O Surdo utiliza a LGP lenta	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

	SE1tiver boa atitude	SE2implante aparelho	SE3 grau profundo	SE4iniciativa for Surdo	SE5não souber oralizar	SE6inserido comunidade surda	SE7dific escrita	PORQ1 eu sei LGP	PORQ2 ele lê labial	PORQ3 utilizo mímica	PORQ4 eu faço esforço	PORQ5 ele faz esforço
SE1tiver boa atitude	1											
SE2implante aparelho	-,215	1										
SE3 grau profundo	-,512*	,432	1									
SE4iniciativa for Surdo	-,033	,119	,382	1								
SE5não souber oralizar	-,041	,064	,716**	,474*	1							
SE6inserido comunidade surda	-,211	,049	,383	,095	,311	1						
SE7dific escrita	-,233	,285	,732**	,632**	,800**	,086	1					
PORQ1 eu sei LGP	-,214	,173	,396	,278	,334	,560*	,279	1				
PORQ2 ele lê labial	-,006	,113	,273	-,192	,167	,514*	-,036	,781**	1			
PORQ3 utilizo mímica	,213	,128	,115	-,011	,047	,188	-,067	,434	,570*	1		
PORQ4 eu faço esforço	,344	-,104	-,067	,077	,018	,290	-,031	,568*	,653**	,743**	1	
PORQ5 ele faz esforço	,353	-,177	-,165	,033	-,045	,237	-,139	,503*	,609**	,689**	,971**	1
PORQ6 ele LGP lenta	,276	,091	,108	,161	,247	,426	,160	,627**	,630**	,336	,698**	,679**

* A correlação é significativa ao nível 0,05 (bilateral)

**A correlação é significativa ao nível 0,01 (bilateral)

Anexo 5

Q3 e resultados

Apêndice: Inquérito

Facilidade de Comunicação entre Surdos e Ouvintes

Prezados Alunos,

Em seguimento do meu projeto, venho pedir-vos o preenchimento de um último inquérito, que será objeto de estudo. Acordo o preenchimento do mesmo, peço-vos que coloquem o nome fictício criado quando preencheram o primeiro inquérito que vos distribuí em novembro.

1. Nome Fictício (o mesmo do primeiro inquérito):

2. Idade:

3. Género:

☐ Feminino

☐ Masculino

4. Após a última aula da formação de LGP, alguma vez contactou com Surdos?

☐ Sim ☐ Não

5. Se sim, com quantos Surdos contactou?

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ Mais

6. Quem tomou a iniciativa?

☐ Ouvinte

☐ Surdos

Resultados

1.Nome Fictício (o mesmo do primeiro inquérito):

Texto de resposta, respostas 19x, Não respondido 0x

- João Manuel
- Ramona
- Francisco
- Laura
- Leonor
- Maria
- Bruna
- Carolina
- Maria
- Matilde
- Mafalda Almeida
- Nanucha
- Brites
- Maria
- Margarida
- Inês
- Barbara
- Joaquina
- Matilde

2. Idade:

Texto de resposta, respostas 19x, Não respondido 0x

(7x) 19 (8x) 18 (3x) 20 22

3. Género:

Seleção simples, respostas 19x, Não respondido 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Feminino	16	84.21%
Masculino	3	15.79%

4. Após a última aula da formação de LGP, alguma vez contactou com Surdos?

Seleção simples, respostas 19x, Não respondido 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Sim	17	89.47%
Não	2	10.53%

5. Se sim, com quantos Surdos contactou?

Seleção múltipla, mais possíveis, respostas 17x, Não respondido 2x

Resposta	Respostas	Ratio
1	6	35.29%
2	5	29.41%
3	3	17.65%
4	0	0.00%
Mais	3	17.65%

6. Quem tomou a iniciativa?

Seleção múltipla, mais possíveis, respostas 17x, Não respondido 2x

Resposta	Respostas	Ratio
Ouvinte	17	70.59%
Surdos	5	29.41%

Anexo 6

IWE

Comunicar e Desentender- LGP e resiliência desafiante

AM Albuquerque, Isabel Correia e Susete Ornelas¹

Resumo

Vamos dar a conhecer parte de um projeto de mestrado orientado pela Professoras Doutoras Ana Maria Albuquerque e Isabel Correia, num sistema de educação superior.

Parte-se de uma primeira análise da aplicação de um questionário a uma população de 83 ouvintes que conhecem e têm algum contacto com indivíduos surdos. O tema refere-se à importância da comunicação entre a comunidade ouvinte e a surda.

Houve uma experiência de uma pequena formação básica em LGP, e vamos dar a conhecer alguma interação das duas comunidades, em sala de aula e no quotidiano, nomeadamente no cortejo da Queima das Fitas.

Aborda-se o resumo de uma investigação (S Rogers, 2010) entre as duas comunidades e a resiliência da surda bem como a relação do modelo do FFM com a resiliência (Caspi *et al*, 2010), para a descrição da comunicação através também do compromisso social do humano.

Pretende-se finalizar com alguns testemunhos e análises da comunicação e também, do desentendimento.

Abstract

Let's get to know part of a Masters project guided by Professors Doctors Ana Maria Albuquerque and Isabel Correia, at higher education system.

We begin with first analysis of the application of a questionnaire to a population of 83 listeners who know and have some contact with individuals who are deaf. The theme is the importance of communication between the listener and the deaf communities. There was an experience of a small basic training in LGP and we speak about some interaction

¹ respetivamente Prof. Coordenadora na ESEC e mestranda em Educação para a Saúde

of two communities, in the classroom and in everyday life, in particular in Queima das Fitas.

Deals with the summary of an investigation (S Rogers, 2010) between the two communities and the resilience of the deaf as well as the relationship of the model of the FFM with resilience (Caspi et al., 2010), for the description of the communication through the social commitment of the human.

It is intended to end with some testimonies and analysis of communication the disagreement.

Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos



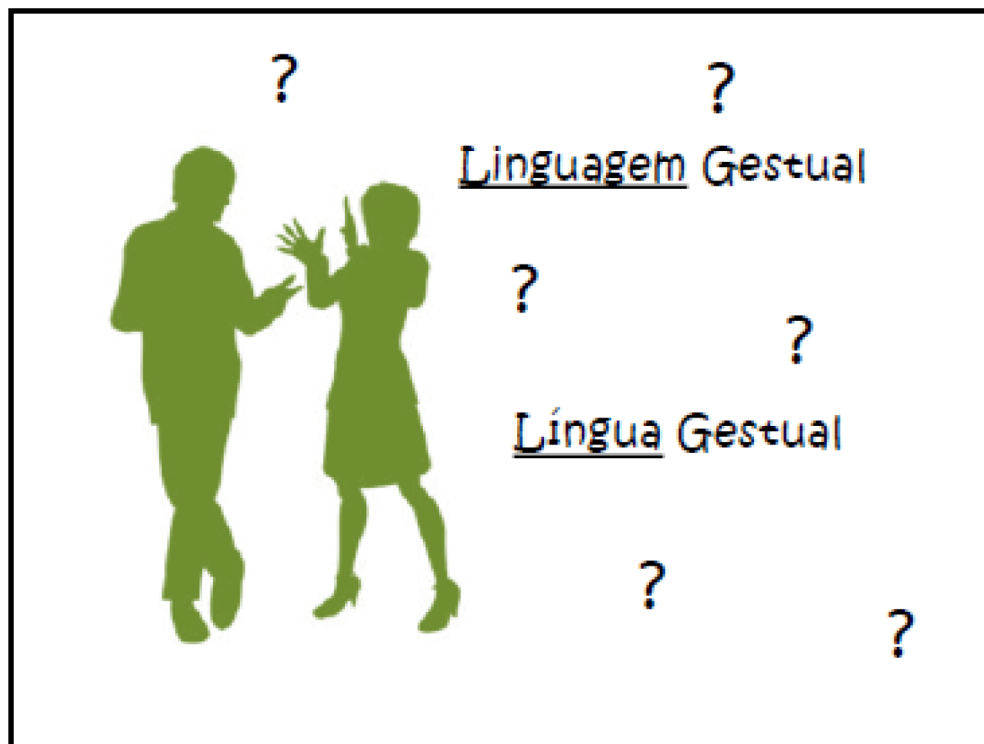
Mestranda Susete Ornelas

Orientadora Ana Albuquerque

Co-Orientadora Isabel Correia

Introdução

Quantas são as pessoas que fazem confusão entre Linguagem gestual e Língua gestual? Quantos são os que conseguem comunicar com uma pessoa Surda? Quantos são os que sabem que existe uma língua própria para comunicar? Quantas pessoas sabem o benefício e a importância de comunicar em LGP? É importante comunicar com todos? É fácil comunicar de tal maneira que todos nos entendam? Será bom comunicar sem barreiras? Será melhor comunicar com barreiras? Quantos sabem o que significa “Resiliência”?



Língua Gestual Portuguesa

É uma língua utilizada pela comunidade surda portuguesa é constituída por gestos, expressões faciais e corporais e é o veículo de expressão e comunicação da comunidade acima referida. Está reconhecida como língua que é importante preservar e que deve ser utilizada no ensino da pessoas surdas (Constituição da República artigo 74, alínea h).

Esta língua é utilizada não só pelos surdos mas também por ouvintes. Não é Universal e tem regras gramaticais específicas.





Resiliência

A resiliência pode ser entendida como sendo um atributo valiosíssimo presente em cada indivíduo, que o ajuda a superar as dificuldades e a adaptar-se às circunstâncias mais adversas do quotidiano, podendo este atributo ser desenvolvido ao longo de toda a vida.

Projeto de Mestrado

1. Os participantes do inquérito inicial foram duas turmas da ESEC dos cursos de ASE e Gerontologia Social;
2. 22 voluntários frequentaram a formação em LGP para alunos ouvintes;
3. Formação de 25 horas, duas vezes por semana, duas horas por dia em Março a Maio;
3. Interação de grupos de ouvintes e surdos com atividade dinamizada pela proponente deste projeto;
4. Avaliação e Quantificação da Intervenção. Inquérito final.

[illegible]

Exercitarea 2
Scara 10-6-1000

NOTA:

Scara _____ punctajului _____

Scara _____

Exercitarea 2 are 6 punctajuri, astfel încât să aibă mai multe, respectiv mai puține punctajuri decât punctajul 1 și 6 punctajuri.

Scara 10-6-1000												
1	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
2	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
3	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
4	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
5	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
6	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
7	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
8	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
9	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
10	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
11	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
12	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
13	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
14	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
15	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
16	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
17	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
18	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
19	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
20	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
21	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
22	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
23	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
24	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
25	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
26	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
27	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
28	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
29	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
30	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
31	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
32	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
33	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
34	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
35	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
36	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
37	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
38	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
39	Scara 10-6-1000	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	

É fácil comunicar com o Surdo se...

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	Tiver boa atitude									<u>9</u>	
2	Tiver implante/aparelho auditivo	1	2	3	4	5	6	<u>7</u>	8	9	10
3	O grau de surdez for profundo	1	2	3	4	<u>5</u>	6	7	8	9	10
4	A iniciativa for do Surdo	1	2	3	4	5	6	<u>7</u>	8	9	10
5	Não souber oralizar	1	2	<u>3</u>	4	<u>5</u>	6	7	8	9	10
6	O ouvinte estiver inserido na comunidade Surda	1	2	3	4	5	6	7	8	9	<u>10</u>
7	Ele tiver dificuldades de escrita	1	2	3	4	5	6	<u>7</u>	8	9	10

Acha que é fácil comunicar com o Surdo porque...

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	Sei LGP									<u>9</u>	
2	Ele faz leitura labial	1	2	3	4	5	6	7	<u>8</u>	9	10
3	Utilizo a música	1	2	3	4	5	6	7	<u>8</u>	9	10
4	Eu faço esforço	1	2	3	4	5	6	7	8	<u>9</u>	10
5	Ele faz esforço	1	2	3	4	5	6	7	8	<u>9</u>	10
6	O Surdo utiliza a LGP lenta	1	2	3	4	5	6	7	8	9	<u>10</u>

Conclusão

Este projeto é um caminho para compreender a comunicação entre surdos e ouvintes e minimizar as barreiras.

Há muito a fazer ainda nas questões de aproximação entre a comunidade surda e ouvinte, mas aprender LGP é o melhor meio. Aprender para comunicar com o outro é uma prova de resiliência.





Facilidade

de
Comunicação
entre

OUVINTES
e
SURDOS

Susete Gois Ornelas

Susete Góis Ornelas

Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos



2013/2014

Nota Prévia

Para aqueles que não são conhecedores das noções básicas da comunicação entre a comunidade Ouvinte e Surda procedi à elaboração deste manual, com o objetivo de dotar as mesmas de conhecimentos e esclarecê-las acerca da melhor forma de comunicação.

Eis, a opinião de alguns participantes ouvintes das turmas de GS e ASE do 1ºano na formação de LGP:

- *A Língua Gestual Portuguesa é algo muito diferente e interessante fundamental na comunicação com as pessoas surdas.*
- *A comunicação é um passo para sermos mais felizes, não fazamos da diferença uma barreira! A exclusão começa muitas vezes quando ignoramos as pessoas e as suas dificuldades aprender LGP é sem dúvida uma forma de integramos os surdos na*

nossa comunidade. Não sejamos cruéis no seu dia-a-dia.

- *A comunicação é a base da sobrevivência, sendo ela falada por gestos ou apenas por expressão, algo único que nos mantém em união!*
- *LGP é a prova de que um gesto também vale mais que mil palavras!*
- *A comunicação é uma partilha entre as pessoas. Usem-na!*

Índice

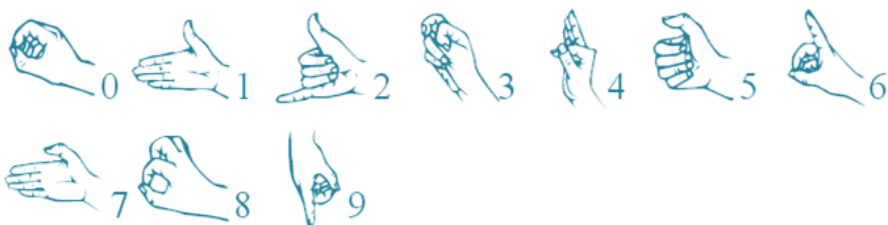
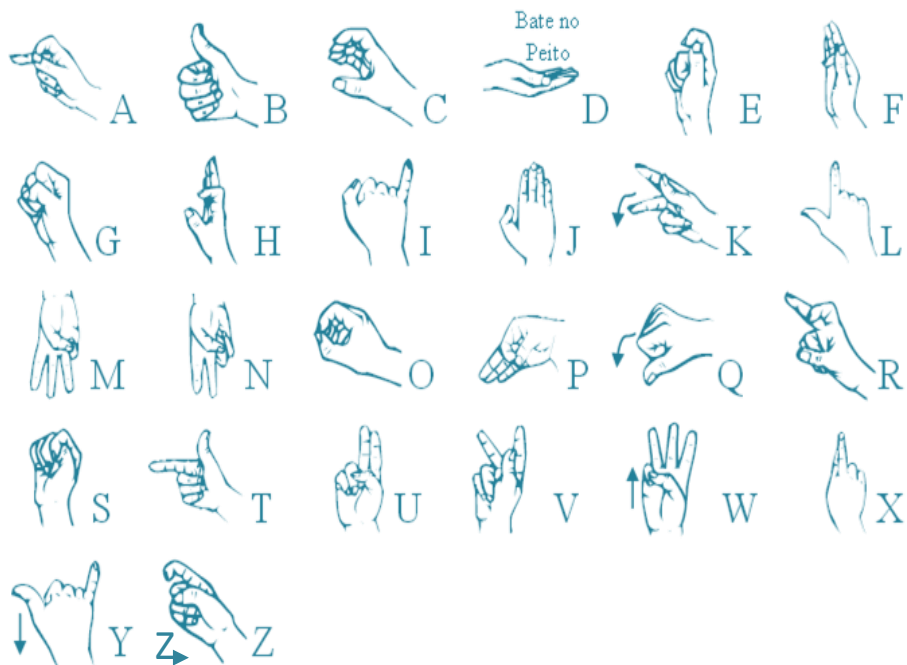
Introdução	6
Alfabeto manual	7
Conceitos e Preconceitos	8
Linguagem ou Língua Gestual?	8
Banda desenhada – Língua Gestual	9
Língua Gestual Portuguesa	11
A Língua Gestual é Universal?	12
É difícil aprender a Língua Gestual?	13
Intérpretes	14
Surdo ou Surdo-Mudo?	15
Estratégias de Comunicação	16
Banda desenhada – Manter a calma e a boa educação.....	18
Como chamar a atenção de um Surdo?	19
Onde procurar ajuda?.....	20

Introdução

Quantas são as pessoas que fazem confusão entre Linguagem Gestual e Língua gestual? Quantos são os que conseguem comunicar com uma pessoa Surda? Quantos são os que sabem que existe uma língua própria para comunicar? Quantas pessoas sabem o benefício e a importância de comunicar em LGP? É importante comunicar com todos? É fácil comunicar de tal maneira que todos nos entendam? Será bom comunicar sem barreiras? Será melhor comunicar com barreiras?

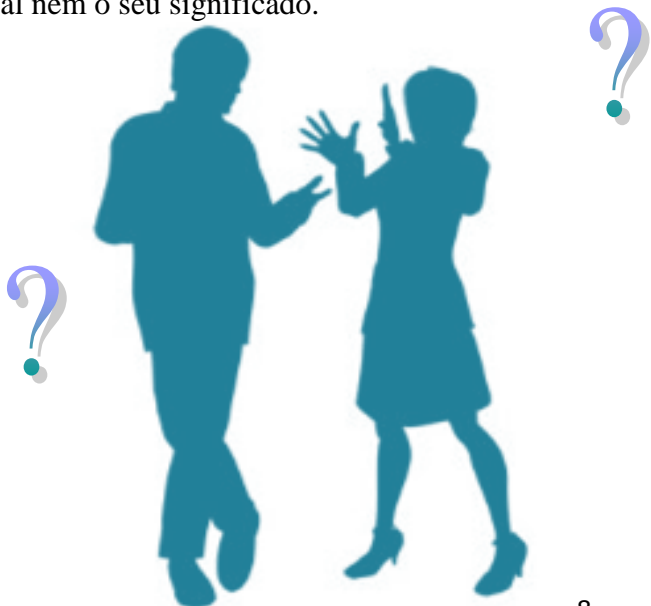


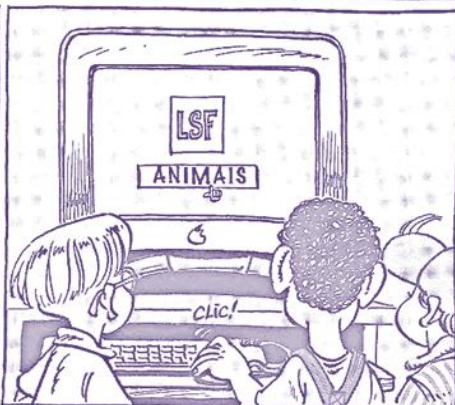
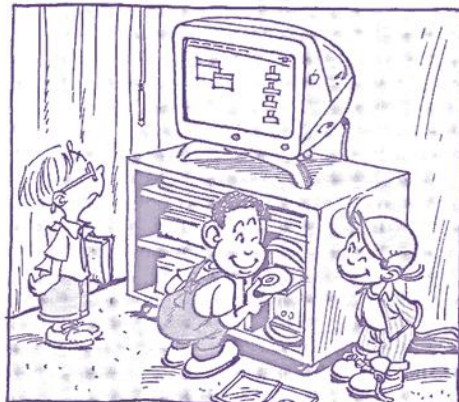
Alfabeto manual

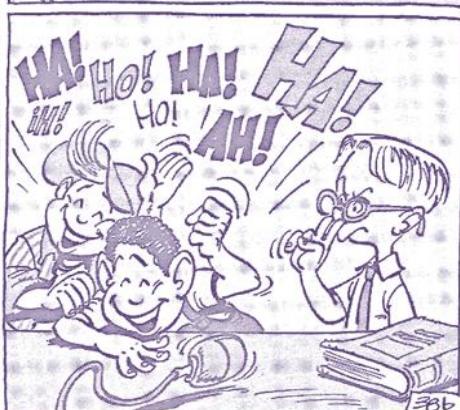
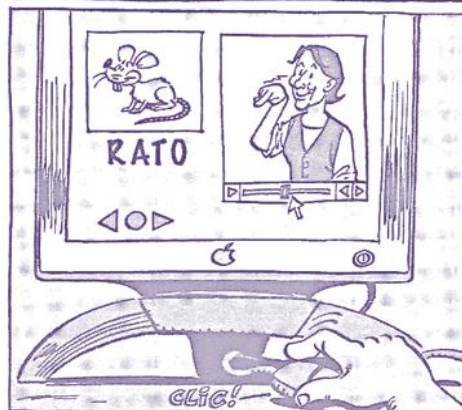
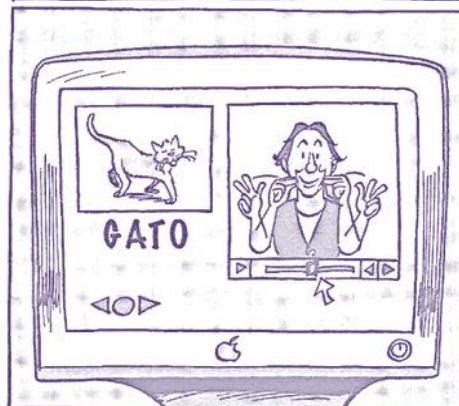


Língua Gestual

Muitas vezes utiliza-se o termo Linguagem Gestual em substituição da designação correta, Língua Gestual. Normalmente esse termo é utilizado por pessoas que não conhecem a Língua Gestual nem o seu significado.







Língua Gestual Portuguesa

É uma língua utilizada pela comunidade surda portuguesa é constituída por gestos, expressões faciais e corporais e é o veículo de expressão e comunicação da comunidade acima referida. Está reconhecida como língua que é importante preservar e que deve ser utilizada no ensino das pessoas surdas (Constituição da República artigo 74, alínea h).

Esta língua é utilizada não só pelos surdos mas também por ouvintes. Não é Universal e tem regras gramaticais específicas.



A Língua Gestual é Universal?



Não. Cada país, por vezes cada região, tem um dialeto próprio. Como os surdos portugueses têm uma cultura própria, a língua gestual portuguesa é diferente das demais línguas gestuais.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, a Língua Gestual não é Universal.

Como já deve ter reparado, a sigla é LGP, sendo o “P” Portuguesa.

Cada país possui a sua própria Língua Gestual, como por exemplo, a França – LSF, América – ASL, tal como possui uma Língua Oral, falada.

Existe sim, também, um Sistema Gestual Internacional, que acaba assim por ser uma mistura das várias Línguas Gestuais possibilitando assim a comunicação entre as pessoas surdas fora do seu país.

Os surdos também sentem a mesma dificuldade na comunicação quando saem do seu país tal como acontece com os ouvintes.

É difícil aprender a Língua Gestual?

Sim... e Não. As pessoas ouvintes não estão habituadas a exprimirem-se numa base totalmente visual, nem de utilizarem as mãos e o corpo para tal. No entanto, o nível de dificuldade depende igualmente das capacidades e interesse de cada uma.



Intérpretes

Os intérpretes de LGP de acordo com o Dec-Lei nº89/99 são os profissionais que interpretam e traduzem a informação de LGP para a língua oral ou escrita e vice-versa, de forma a assegurar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.



Surdo *surdo-mudo*

“Surdo-Mudo” não é o nome correto para designar as pessoas surdas, porque na maioria dos casos trata-se de uma deficiência no aparelho auditivo e não no aparelho fonador. Com muito treino e uma terapia ativa, é possível que alguns surdos consigam verbalizar fluentemente. Além disso, todos os surdos falam, não sob a forma oral que os ouvintes estão familiarizados, mas com as mãos e com a expressão facial.



Estratégias de Comunicação

- ✓ Os surdos não soletram a datilologia (palavras para comunicar). Utilizam os gestos que são imagens simbólicas dos conceitos exprimidos. Como as palavras no português.

Exemplo:



CASA



Gesto CASA

- ✓ Deve-se falar quando o recetor estiver em frente. O contato visual é essencial.
- ✓ Tentar falar diretamente com a pessoa, não se colocar de lado ou atrás dela.
- ✓ Não tapar a boca, mascar pastilha elástica ou roer as unhas quando se está a falar, para que a comunicação não fique prejudicada.

- ✓ Se não for entendida a comunicação, deve-se tentar utilizar mímica ou repetir a comunicação utilizada.
- ✓ Não falar alto nem gritar.
- ✓ Não usar palavras soltas.
- ✓ Tentar manter a mesma posição, quando se está a comunicar com uma pessoa surda, para que a comunicação seja perfeita, não só para facilitar a visualização dos gestos, mas também para poder ler, nos lábios, o que a outra está a dizer.

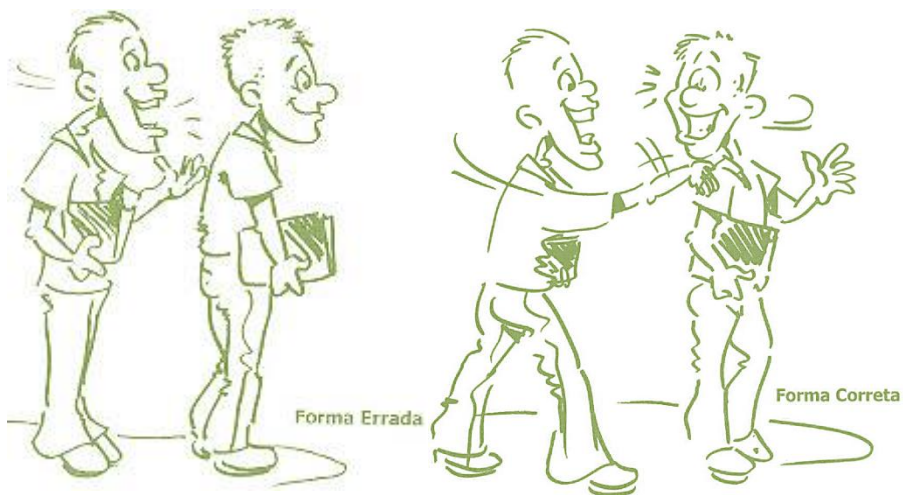




“Leo, o puto surdo” (Surd’Universo, 2006)

Como chamar a atenção de um Surdo?

- Tocar no ombro ou no joelho (se estiver sentado);
- Bater com o pé no chão*;
- Bater com as mãos na mesa*;
- Acender e apagar a luz;
- Acenar com a mão.



*Os surdos sentem vibração, principalmente se no chão for madeira!

Onde procurar ajuda?



Associação Cultural dos Surdos de
Águeda



Associação de Surdos do Algarve



Associação de Surdos do Concelho
da Almada



Associação de Surdos da Alta
Estremadura



Associação Cultural de Surdos da
Amadora



Associação Cultural de Surdos do
Barreiro



Associação da Comunidade Surda
do Distrito de Coimbra



Associação de Surdos de Guimarães
e Vale do Ave



Associação de Surdos da Linha de
Cascais



Associação de Surdos da Ilha de
São Miguel, Açores



Associação de Surdos, Pais,
Familiares e Amigos da Madeira



Associação de Surdos do Oeste



Associação de Surdos do Porto



Associação Portuguesa de Surdos

Este manual faz parte do projeto de Mestrado de Educação para a Saúde, cujo tema é “Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos”, realizado sob orientação da Doutora Ana Maria Albuquerque e a Coorientação da Doutora Isabel Correia.

Destina-se a todos de esclarecimento acerca da melhor forma de Comunicação.



Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra
Escola Superior de Educação de Coimbra

Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos

Tese de Mestrado de Educação para a Saúde

Susete de Góis Ornelas

ERRATA

Página	Localização	Onde se lê	Deve-se ler
1	3.1, 3.1.1, 3.1.2	Amostra	População
1	4.1.1	Manual	Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos
3	Fig.1	12	11
3	Fig.2 e 3	14	13
3	Quadro 1	17	22
3	Tabela 1	20	16
3			Tabela 2-A minha adaptação do QECRL para a LGP para ouvintes voluntários – pág.19
5	3ºParagrafo, linha 5	LGP	LGP e construção de um manual
5	3ºParagrafo, linha 6	quoidiano	quotidiano
5	4ºParagrafo, linha 2	(S.Rogers, 2010)	(Rogers, 2003)
5	4ºParagrafo, linha 3	(Caspi <i>et al</i> , 2010)	(Robins <i>et al</i> , 1996)
6	Linha 1	Portuguese sign language	Portuguese sign language and construction of a manual
6	2ºParagrafo, linha 1	(S.Rogers, 2010)	(Rogers, 2003)
6	2ºParagrafo, linha 3	(Caspi <i>et al</i> , 2010)	(Robins <i>et al</i> , 1996)
7	2ºParagrafo, linha 3	veem	vêm
7	3ºParagrafo, linha 3	experiências sociais, utilizou três surdos	experiências sociais, Rogers (2003) utilizou três surdos
8	Linha 2	(Albuquerque, 2005; 2012)	(Albuquerque, 2004; 2012)
8	2ºParagrafo	Susan Rogers (2013)	Susan Rogers (2003)
8	2ºParagrafo, linha 2	estudar ver a possibilidade	estudar a possibilidade
8	3ºParagrafo, linha 3	incentive e facilite	incentivar e facilitar
8	5ºParagrafo, linha 2	um inquérito a um público-alvo, composto	Um inquérito Q1 a uma população composta
8	5ºParagrafo, linha 4	Com este inquérito pretende-se saber o grau de conhecimento dos alunos, o grau de conhecimento adquirido após as aulas dadas, e, se for necessário, aumentar e analisar a informação e o conhecimento sobre a LGP e a resiliência individual e a dos grupos.	Com este inquérito pretende-se saber o grau de conhecimento dos alunos.
8	6ºParagrafo, linha 1	Nesse inquérito	Nesse inquérito Q1
9	3ºParagrafo, linha 1	Na avaliação final	Na avaliação final (Q2 e Q3)
9	2.1, 3ºParagrafo	Os trabalhos pioneiros de William Stokoe [...] sustentaram a evidência de que os surdos possuem a sua própria língua, que adquirem de forma natural sempre	<i>Os trabalhos pioneiros de William Stokoe [...] sustentaram a evidência de que os surdos possuem a sua própria língua, que adquirem de forma natural sempre que expostos a um ambiente linguístico que lhes permita a sua</i>

		que expostos a um ambiente linguístico que lhes permita a sua aquisição e desenvolvimento plenos. A LGP é uma língua natural e apresenta uma complexidade estrutural equivalente à das línguas orais, sendo possível distinguir elementos descritivos da mão, tais como a configuração, o local de articulação, o movimento, a orientação e ainda os componentes não-manuais. (Mineiro <i>et alii</i> , 2008:1)	<i>aquisição e desenvolvimento plenos. A LGP é uma língua natural e apresenta uma complexidade estrutural equivalente à das línguas orais, sendo possível distinguir elementos descritivos da mão, tais como a configuração, o local de articulação, o movimento, a orientação e ainda os componentes não-manuais. (Mineiro et al., 2008:1)</i>
9	4ºParagrafo, linha 3	(Amaral, Coutinho & Martins 1994)	(Amaral, Coutinho & Martins, 1994)
10	2ºParagrafo, linha 3	que “o Estado deve proteger e valorizar a LGP como expressão cultural e instrumento de acesso à educação e à igualdade de direitos das pessoas surdas”.	que o Estado deve “Proteger valoriza a LGP, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”.
10	4ºParagrafo, linha 1	É, como diz	E, como diz
10	5ºParagrafo, linha 4	uma nova língua.	uma língua.
10	8ºParagrafo, linha 1	valiosíssimo presente	valiosíssimo, presente
11	2ºParagrafo	Verifica-se que o humano é muito indefeso mas muito bem dotado para a aprendizagem e interacção social (Palacios <i>et al.</i> , 1992). Sendo o humano um ser sociável (Albuquerque e Miranda Santos, 1997, 1977a), a sua adaptação ao que o rodeia, no sentido piagetiano do termo, e de orientação interpessoal (D. Hunt, 1978) pode ser realizada de um modo natural ou em ambiente educativo, pelo que é necessário otimizar a interação com a envolvente.	Segundo Ana Maria Albuquerque (2004) citando Piaget relativamente à adaptação, o ser humano constroi a sua sociabilidade. Esta última, conforme Miranda Santos (1997, 1977a) e David Hunt (1978), pode construir-se de um modo natural, através da convivência com outros seres humanos, ou de um modo formal, inserido num ambiente educativo, promovendo a otimização da interação entre indivíduos.
11	3ºParagrafo	Segundo estes autores, neste processo a inicial interação tem maior iniciativa por parte da envolvente mas, progressivamente, diminui esta responsabilidade, concomitante com a diferenciação e complexidade, ou seja, com uma maior estruturação por parte do humano. Considerando a construção deste último na descrição da representação abaixo indicada:	Estes autores, afirmam que numa fase inicial verifica-se que a iniciativa maioritária provem da parte envolvente mas, aos poucos vai diminuindo à medida que o ser humano se vai estruturando. A construção do ser humano pode verificar-se na representação abaixo indicada:
12	1ºParagrafo	(Miranda Santos, 2004), em que é possível a sua sociogénese e o seu	Na mesma, é demonstrado que pode existir a sua sociogénese, o seu desenvolvimento, bem

		desenvolvimento no exercício da sua criatividade e em que “a manifestação radical da criatividade é expressão pessoal (...) e a sua educabilidade”, a ligação da resiliência ao desenvolvimento é proposta por H. Ralha-Simões (2001). Na ramificação dos caminhos da criatividade em interação com a adaptação e num meio hostil, a funcionalidade do egoresiliente em construção tem a possibilidade de conduzir a um desenvolvimento complexo, responsabilizante e saudável, o que é definido, com admiração, por Anthony (1974). O desafio, o compromisso e o controlo são dimensões que Kobasa/Ouellette propõe para a descrição desta complexa estruturação. A situação difícil é quotidiana, mas também essencial neste construtivismo humanista, neste funcionamento psicológico, com assimilação, mas também com acomodação, equilíbrio, bem como orientação interpessoal.	como a sua criatividade e em que “a manifestação radical da criatividade é expressão pessoal (...) e a sua educabilidade”, ao desenvolvimento podemos relacionar a resiliência, segundo H. Ralha-Simões (2001). Conforme, Anthony (1974), se numa situação de ambiente hostil unir-se a criatividade à adaptação podemos verificar que o desempenho do egoresiliente em construção permite levar a um desenvolvimento complexo, responsabilizante e saudável. A estrutura que integra as três dimensões referidas por Kobasa/Ouellette tratam o desafio, o compromisso e o controlo. No sentido piagetiano que estuda a adaptação cognitiva deparamo-nos com a assimilação, aquando uma estrutura cognitiva é a mesma mas adquire um conceito novo, a acomodação, em que constroi-se uma estrutura nova com o objetivo de adquirir um conceito novo, a equilíbrio, que trata ambas a assimilação e a acomodação, bem como orientação interpessoal.
12	4ºParagrafo	Estas são as cinco dimensões deste modelo formuladas de um modo mais simples que, associadas aos constructos dinâmicos de egoresiliência e egocontrolo, constituem as dimensões operacionalizadas segundo a Teoria do Funcionamento da Personalidade de Block e Block (1980).	Segundo a Teoria do Funcionamento da Personalidade de Block e Block (1980), as dimensões operacionalizadas são constituídas pela egoresiliência e pelo egocontrolo que estão ligados às cinco dimensões deste modelo formuladas.
12	5ºParagrafo, linha 1	[...]evidência	O egoresiliente evidência
13,14		et. al.	et al
14	2.2, 3ºParagrafo, linha 3	está aprender-se também	está a aprender-se também
14	5ºParagrafo, linha 1	Para quem quer aprender a língua	Na minha prática de ensino da LGP, para quem quer aprender a língua
14	5ºParagrafo, linha 3	ouvintes	Ouvintes
15	2.3, 3ºParagrafo, linha 3	alcançar tanto na aquisição	alcançar, tanto na aquisição
19	1ºParagrafo, linha 3	Ora, quem convive	Mas, quem convive
19	1ºParagrafo, linha 5	muito simples em LGP.	muito simples, em LGP. De acordo com a Doutora Isabel Correia foram assim planificadas as sessões em LGP em A1 (Anexo 1 e 2).

20 Substituir pela página 25	2.4, 1ºParagrafo, linha 2 Substituir após Os resultados da avaliação em resiliência.	No início os alunos (...) com os outros embora no final se tornasse(...). Os outros dois não conseguiram porque não foram cooperantes.(...) facilidade. No final do convívio(...) internet.	Resultado na facilidade de comunicação. No início, os alunos(...) com os outros, embora, na sessão final de concílio, se tornasse(...). Os outros dois não conseguiram. Não foram cooperantes(...) facilidade.
20	3º e 4ºParagrafo	Devido à realização destes mesmos inquéritos(...) de acordo com as mesmas.	Devido à observação e aplicação dos inquéritos, foi possível(...)resiliência, segundo Albuquerque (2004, pág.137-142).
20, 21 Substituir pela página 25	5ºParagrafo, 1º a 6ºParagrafos Substituir pelo paragrafo 3º na 4.	Quanto ao desafio(...) LGP. O número de aderentes foi influenciado pelo fato de estar integrado um Surdo(...) positivos. A seguinte dimensão trata o compromisso(...).Assim, verifica-se que facilitar a comunicação depende da própria pessoa.	Resultados da avaliação em resiliência (desafio, compromisso e controlo). Quanto ao desafio(...) LGP. O número de aderentes foi influenciado pelo fato de estar integrado um Surdo(...) positivos. A seguinte dimensão trata o compromisso(...).Assim, verifica-se que facilitar, a comunicação, depende da própria pessoa.
21	Último paragrafo, linha 6	Devido à falta(...)mesma turma a maioria(...).Ora os poucos que permaneceram (apeas 3 de um grupo de 16), não foram aceites pela população surda inserida na turma.	Houve à falta(...)mesma turma, também maioria(...). Ora, foi desagradavel, para a população surda inserida na turma que os poucos que permaneceram (apenas 3 de um grupo de 16).
22	1ºParagrafo, linha 3	demonstrando-se resilientes, possivelmente influenciados pelo individuo surdo que se demonstrou resiliente também.	Demonstrando-se resilientes. O indivíduo surdo demonstrou-se resiliente também. Na aceitação do desafio talvez haja uma influência mútua entre o comportamento das populações Ouvintes e Surdos.
22	3.1, 3.1.1, 3.1.2	Amostra	População
23	3.3, linha 1	na ESEC	no ensino superior
25	4.1, 2ºParagrafo	competências. As planificações	competências. Baseámo-nos no Programa Curricular de LGP, procedendo a adaptações para o ensino de uma L2.
25	4.1.1	Manual	Facilidade de Comunicação entre Ouvintes e Surdos
27	5ºParagrafo	Dado(...), há uma falta na transmissão(...)também frequentassem a mesma disciplina que os Surdos, com um horário(...) comunidades.	Dado(...), verifica-se uma falta de transmissão de conhecimentos. Era de considerar a possibilidade de a comunidade ouvinte, pelo menos aquela que estivesse inserida num meio em que Surdos estivessem integrados, também frequentar a disciplina de LGP, tendo um horário(...)comunidades.
27	8ºParagrafo, linha 2	não seja possível, deveria, no mínimo, ser obrigatório a frequência de turmas de inclusão	não seja possível, no mínimo, as turmas de inclusão
27	Último Paragrafo	Não é aconselhável(...)turma diferente.	

pp	deve-se ler		
	bibliografia		
28	Robins, R.W., John, O.P., Caspi, A., Moffitt, T.E. e Stouthmer-Loeber, M.,(1996); Resilient, Overcontrolled, and Undercontrolled Boys: Three Replicable Personality Development. <i>J. P. Soc. Psychology</i> , <u>70</u> , 157.	Robins <i>et al.</i> , 1996	
28	Miranda Santos, A. (2004); <i>Indisciplina e Educabilidade</i> . Comunicação em Lisboa nas Primeira Jornadas de Educação, Escola Superior de Educação João de Deus: Violência Escolar e Saúde Infantil (Organização Mundial de Educação Pré-Escolar), pp 3 (programa e resumos).	Miranda Santos, 2004	
28		Mineiros <i>et al.</i> , 2008	
28		Quadros, 2004	
28	Tavares, J. e Albuquerque, A.M. (1998); Sentidos e Implicações da Resiliência na Formação. <i>Rev. Psicologia, Educação e Cultura</i> . Vol II (1), 143.	Tavares e Albuquerque, 1998	
	já está, desde que exista no texto de 11-13	Albuquerque, 2004	
28		Bugos, 1980	